

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL**

**JOÃO VITOR PEREIRA DEPINE
RAFAEL BEDIDE PINTO**

**O DISCURSO DE ÓDIO NA UTFPR:
DOCUMENTÁRIO EXPERIMENTAL EM UMA ABORDAGEM
LYNCHIANA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**CURITIBA
2018**

JOÃO VITOR PEREIRA DEPINE
RAFAEL BEDIDE PINTO

**O DISCURSO DE ÓDIO NA UTFPR:
DOCUMENTÁRIO EXPERIMENTAL EM UMA ABORDAGEM
LYNCHIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso - Modalidade Produto Experimental, apresentado à disciplina de TCC 2, do Curso Superior de Bacharelado em Comunicação Organizacional do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus de Curitiba, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Organizacional.

Orientador(a): Prof^a Dr^a Anuschka Reichmann Lemos

CURITIBA
2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Curitiba
Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação
Curso de Comunicação Organizacional



TERMO DE APROVAÇÃO
Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

**O DISCURSO DE ÓDIO NA UTFPR: DOCUMENTÁRIO
EXPERIMENTAL EM UMA ABORDAGEM LYNCHIANA**

por

JOÃO VITOR PEREIRA DEPINE E RAFAEL BEDIDE PINTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado às 10 horas 00 min. do dia 23 de novembro de 2018 como requisito parcial para obtenção do título de Comunicador Organizacional, Curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. Os candidatos foram arguidos pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo-assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Carolina Fernandes da Silva Mandaji
UTFPR Câmpus Curitiba

Prof. Dr. Wellington Teixeira Lisboa
UTFPR Câmpus Curitiba

Profa. Dra. Anuschka Reichmann Lemos
UTFPR Câmpus Curitiba
Orientadora

AGRADECIMENTOS

A parte mais complicada de escrever no TCC é a parte de agradecimentos, há diversas pessoas que ajudaram nessa caminhada, várias nem fazem ideia de que ajudaram. Foram incontáveis horas de trabalho e pesquisa, noites sem dormir e tardes dormidas por causa das noites sem dormir. Nesse período tive que abdicar de uma vida social ativa, não que eu tivesse uma antes do TCC.

O suporte e ajuda de certas pessoas foi essencial para a conclusão desse projeto tão especial. Primeiramente preciso agradecer os meus amigos e minhas amigas que escutaram todas as minhas neuras e preocupações, que quase me agrediram falando “vai dar certo! Pare de neura e vá dormir que são 4 da manhã”. Também não posso deixar de lado os agradecimentos a minha família, que me apoiam desde 9 de janeiro de 1996. Todos os professores que tive me ajudaram de alguma forma, foram essenciais na minha formação acadêmica e humana. Agradecimentos especiais à professora Anuschka que aceitou nos orientar e nos guiou durante todo esse processo, não consigo imaginar um trabalho sem essa orientação. Essa produção não seria possível sem a disposição e contribuição de todos os entrevistados, boa parte do produto final é o que é por causa de vocês. Cabe aqui também um agradecimento a UTFPR por ter sido a minha segunda casa durante esses 4 anos.

Claro que não poderia esquecer de agradecer ao Rafael, porque ele também está escrevendo esse projeto e vai brigar comigo se esquecer de colocar o nome dele aqui nos agradecimentos. Além de amigo nesse tempo todo também foi a dupla de todos os melhores trabalhos realizados no curso, no TCC não poderia ser diferente.

Por último, mas não menos importante, agradeço a Mariana Souza por ter aparecido no meio do processo e ser a maior incentivadora de tudo e a pessoa que mais acreditou que tudo era possível, apesar de algumas coisas não terem dado certo no projeto, mas a culpa não é dela.

João Vitor Pereira Depine

Agradeço a Deus, por sempre me capacitar. Aos meus pais e irmãos, que nunca mediram esforços para me apoiar, sempre com muito amor e carinho, para que eu pudesse chegar até aqui. À professora Anuschka, que nos deu todo apoio e

orientação para realização deste trabalho. Aos professores da UTFPR que, de alguma forma, contribuíram para minha formação. Ao João, que tem sido meu amigo e minha dupla de trabalhos desde o segundo semestre do curso. À minha esposa Bruna, que me apoia incondicionalmente, que divide a vida comigo e que me ajuda a ser uma pessoa melhor todos os dias, me ensinando a seguir em frente e nunca desistir.

Rafael Bedide Pinto

I learned that just beneath the surface there's another world, and still diferente worlds as you dig deeper. I knew it as a kid, but I couldn't find the proof. It was just a feeling. There is goodness in blue skies and flowers, but another force—a wild pain and decay—also accompanies everything (David Lynch, 2005)

Apreendi que logo abaixo da superfície há outro mundo, e ainda mundos diferentes, à medida em que você se aprofunda. Eu sabia que era criança, mas não consegui encontrar a prova. Foi apenas um sentimento. Há bondade em céu azul e flores, mas outra força - uma dor e decadência selvagem - também acompanha tudo. (David Lynch, 2005)

RESUMO

PEREIRA DEPINE, João Vitor; BEDIDE PINTO; Rafael. **O Discurso de Ódio na UTFPR: Documentário Experimental em uma Abordagem Lynchiana**. 76 f. TCC (Comunicação Organizacional), Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Este projeto apresenta a elaboração teórica e a descrição da produção do documentário experimental Geração de Ódio, que traz uma reflexão sobre o que é discurso de ódio e a sua presença na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba e na sociedade, e realiza uma experimentação na linguagem de documentário, utilizando elementos típicos da cinematografia do diretor norte-americano David Lynch. A produção é resultado de reflexões teóricas acerca do discurso de ódio, através de autores como Winfried Brugger e Michel Foucault, da linguagem documental e o processo de produção audiovisual, utilizando autores como Bill Nichols, Sérgio Puccini, Sergei Eisenstein e Walter Murch.

Palavras-chave: Discurso de ódio. Documentário Experimental. UTFPR. David Lynch. Produção de Sentidos.

ABSTRACT

PEREIRA DEPINE, João Vitor; BEDIDE PINTO; Rafael. **Hate Speech in UTFPR: experimental documentary in a Lynch's aesthetics.** 76 f. TCC (Course of Organizational Communication) - Federal University of Technology - Paraná. Curitiba, 2018.

This project presents the theoretical elaboration and description of the production of the experimental documentary *Geração de Ódio*, which brings a reflection on what is hate speech and its presence at the Federal Technological University - Paraná, Curitiba's campus, and in society, and performs a experimentation in documentary language, using elements typical of the cinematography of the North American director David Lynch. The production is the result of theoretical reflections about the hate speech, through authors such as Winfried Brugger and Michel Foucault, of documentary language and the process of audiovisual production, using authors such as Bill Nichols, Sérgio Puccini, Sergei Eisenstein and Walter Murch.

Palavras-chave: Hate Speech. Experimental Documentary. UTFPR. David Lynch. Production of senses.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Comentários de alunos da UTFPR de novembro de 2016	14
Figura 2 - Publicação de um aluno da UTFPR de novembro de 2016.....	14
Figura 3 - Publicação analisada.....	24
Figura 4 - Robert De Niro em Ellis (2015).....	32
Figura 5 - Sala abandonada em Ellis (2015)	32
Figura 6 - A jornalista Rokhaya Diall em Ódio na Internet (2015)	33
Figura 7 - Vítima de discurso de ódio em Ódio na Internet (2015).....	33
Figura 8 - Christopher Cantwell em Charlottesville: Race and Terror (2017).....	35
Figura 9 – A violência em Charlottesville: Race and Terror (2017).....	35
Figura 10 - A poesia dos detalhes de A Chuva (1929).....	36
Figura 11 - O curta Speak Body (1979)	37
Figura 12 - O voyeurismo de Jeffrey em Veludo Azul (1986).....	40
Figura 13 - Henry observa seu filho em Eraserhead (1977).....	41
Figura 14 - Dale Cooper em Twin Peaks (1990 - 1991)	42
Figura 15 - Wally e o relato em Twin Peaks (2017).....	44
Figura 16 - O silêncio em Twin Peaks (2017).....	44
Figura 17 - O banal em Twin Peaks (2017)	45
Figura 18 - O voyeurismo na produção	60
Figura 19 - O silêncio nos corredores	61
Figura 20 - O vazio na UTFPR.....	62
Figura 21 - Montagem da produção.....	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - <i>Check-List</i> de Equipamentos	49
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	JUSTIFICATIVA	17
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
	3.1 DISCURSO DE ÓDIO	19
	3.2 LUGAR E ORGANIZAÇÃO	25
	3.3 DOCUMENTÁRIO	26
	3.3.1 As Definições de Documentários	26
	3.3.2 Os modos de Documentários	29
4	REFERÊNCIAS ESTÉTICAS, VISUAIS E TEMÁTICAS	31
	4.1 SPEAK BODY	36
	4.2 O CINEMA DE DAVID LYNCH	38
	4.3 A TRILHA SONORA	46
5	PLANEJAMENTO DE PRODUÇÃO	47
	5.1 PRÉ-PRODUÇÃO	48
	5.2 CHECK-LIST DE EQUIPAMENTOS	49
	5.3 PRODUÇÃO	50
	5.4 PÓS-PRODUÇÃO	50
6	DESCRIÇÃO DO PRODUTO E PRODUÇÃO	53
	6.1 INTRODUÇÃO	53
	6.2 PRÉ-PRODUÇÃO	56
	6.2.1 Formulação das perguntas	56
	6.2.2 Os Entrevistados	57
	6.3 PRODUÇÃO	59
	6.3.1 As Gravações	59
	6.3.2 A Edição	62
	6.3.3 A Trilha Sonora	64
	6.3.4 Equipamentos e Equipes Utilizados	65
	6.4 VIABILIDADE	65
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
	REFERÊNCIAS	69
	ANEXO A – E-mail enviado por Kay Armatage	73
	ANEXO B – Link para o documentário produzido	75

1 INTRODUÇÃO

O discurso de ódio pode ser entendido como “[...] palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas” (BRUGGER, 2007, p. 118). São comentários que servem para justificar a privação de direitos e atos de violência. Nos últimos anos tem se observado a presença, cada vez maior, do discurso de ódio na sociedade, como pode ser notado nas manifestações de discurso de ódio apresentadas a seguir, em todas as partes do mundo. Tal fenômeno tem gerado discussão e preocupação, gerando inclusive alertas da Organização das Nações Unidas (ONU).

Em 2017 houve diversos casos de manifestações pautadas em discurso de ódio, como os atos de supremacistas brancos na cidade de Charlottesville nos Estados Unidos da América¹, em agosto desse ano; no mesmo período no Brasil houve atos de violência física e verbal contra um refugiado sírio na cidade do Rio de Janeiro². Segundo as Nações Unidas (2017), o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, alertou, em março de 2017, os governantes do mundo todo sobre o aumento do discurso de ódio e que há uma responsabilidade coletiva no seu combate.

Durante o ano de 2018, nota-se uma presença ainda maior da discussão sobre discurso de ódio e a sua presença na sociedade. O processo eleitoral brasileiro de 2018 foi um período que contou com a presença e disseminação de discurso de ódio no país. O então candidato à presidência, Jair Messias Bolsonaro (PSL), deu várias declarações pautadas em discurso de ódio, segundo a Carta Capital (2018), o candidato proferiu frases como: “vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre. Vou botar esses picaretas para correr do Acre [sic]”, “Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria”, “[Sobre gays] Para mim é a morte. Digo

¹ Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40913908>> Acessado em: 03/dez./2018.

² Disponível em <<https://oglobo.globo.com/rio/refugiado-sirio-atacado-em-copacabana-saia-do-meu-pais-21665327>> Acessado em: 03/dez./2018.

mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”, etc.

Após a eleição de primeiro turno no país, em 7 de outubro de 2018, houve diversos casos de violência incitados por discurso de ódio. Segundo Rodrigo Martins (2018), foram registrados vários casos de violência motivados por falas de Jair Bolsonaro, como uma travesti morta a facadas por um agressor que gritava que com o novo presidente haveria uma caça a “viados”.

A partir de nossas experiências, como alunos, dentro da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), durante o período da graduação em andamento, presenciamos casos e relatos de discurso de ódio. Na instituição há o conhecimento de pessoas que sofreram com ele por parte de discentes ou docentes, além de alunos que são conhecidos por assumir publicamente posicionamentos que têm como base o discurso de ódio.

Nos deparamos com o discurso do ódio de discentes e docentes da UTFPR em redes sociais e nos corredores da instituição. Durante o período da ocupação do câmpus centro, em novembro de 2016, foi presenciado o uso de discurso de ódio contra membros do diretório estudantil, participantes da ocupação e simpatizantes. O câmpus foi ocupado durante 7 dias por um grupo de estudantes em protestos a então PEC 241/2016 (que passou a ser chamada de PEC 55/2016 ao passar para o Senado Federal)³ e a reforma do Ensino Médio através da Medida Provisória 746/2016⁴. Neste período as aulas foram suspensas no câmpus ocupado. Houve uma grande mobilização de estudantes tanto favoráveis como contrários à ocupação e às medidas do governo na época.

Durante esse período, foi estimulado, por parte de um grupo exaltado que se utilizava de discurso de ódio, o uso de violência contra alunos, comentários misóginos e homofóbicos eram usados para desmoralizar lideranças estudantis

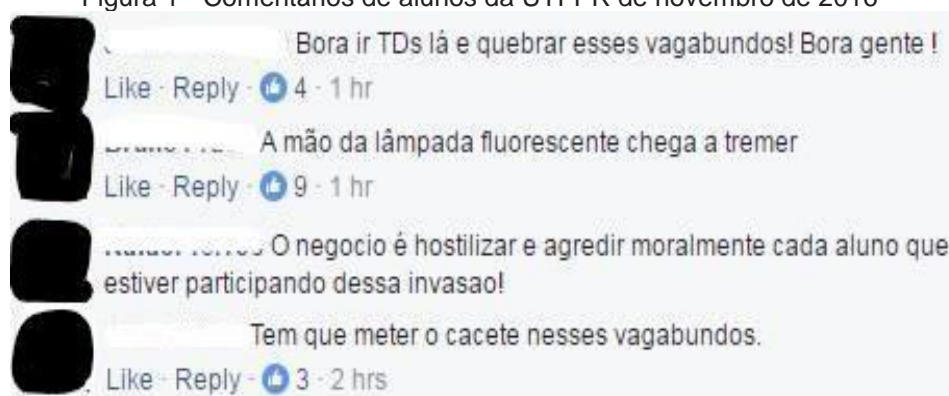
³ A PEC 241/2016 (ou PEC 55/2016) foi um projeto de emenda à constituição que estabelecia um limite anual de gastos do governo em diversas áreas por um período de 20 anos. O projeto foi aprovado em dezembro de 2016. Disponível em: <<https://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2088351>> Acessado em: 03/dez./2018.

⁴ A Medida Provisória 746/2016 trouxe uma reestruturação da matriz curricular do Ensino Médio no país todo e uma série de mudanças, como a possibilidade da contratação de professores sem licenciatura. A medida foi aprovada em dezembro de 2016. Disponível em: <<https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/126992>> Acessado em: 03/dez./2018.

envolvidas na ocupação. Os ataques continuaram mesmo após a reintegração do campus.

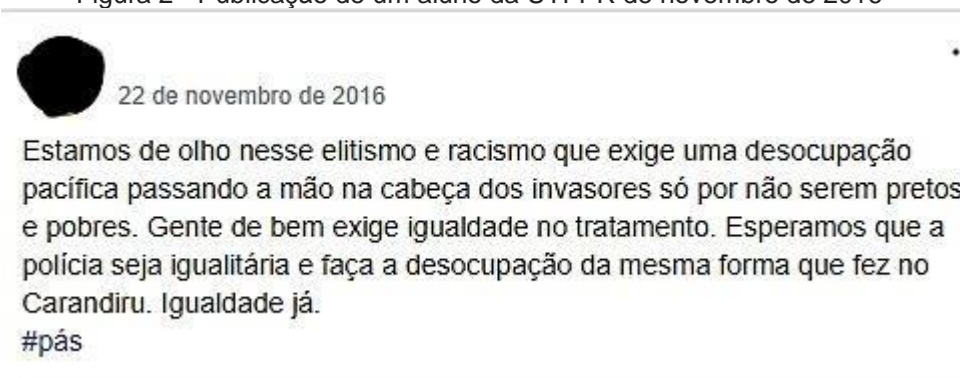
Nas figuras 1 e 2, alunos da UTFPR usam de discurso de ódio contra integrantes da ocupação. Em dois dos comentários, fazem referências a casos que envolvem agressão à homossexuais, como no comentário sobre a lâmpada fluorescente (Figura 1), referência à um caso em que um homossexual foi agredido com uma lâmpada fluorescente, e ao massacre do Carandiru (Figura 2), em que a polícia executou detentos do presídio do Carandiru durante a retomado do presídio após uma rebelião.

Figura 1 - Comentários de alunos da UTFPR de novembro de 2016⁵



Fonte: Autoria própria

Figura 2 - Publicação de um aluno da UTFPR de novembro de 2016⁶



Fonte: Autoria própria

Diante deste cenário, identificamos diferentes práticas de discurso de ódio dentro da UTFPR campus Curitiba. Com isso também surgiu a problemática de qual seria a melhor forma de discutir a sua existência. O problema que se pretende tratar

⁵ Os nomes foram ocultados por questões de segurança e privacidade dos envolvidos.

⁶ Os nomes foram ocultados por questões de segurança e privacidade dos envolvidos.

é “como abordar a presença do discurso de ódio na UTFPR campus Curitiba e na sociedade?”.

A forma escolhida para a discussão do problema é a elaboração de um produto audiovisual documental de uma linguagem poética experimental, com o objetivo principal de elucidar questões referentes ao discurso de ódio e a sua presença na UTFPR e na sociedade. A produção busca também criar uma estética que, através dos depoimentos, da montagem das cenas, fotografia e da trilha sonora, tenha como características: desconforto, angústia, tensão e perturbação; utilizar elementos do estilo cinematográfico do diretor americano David Lynch, como o uso do silêncio, a não-ação e a busca pela bizarrice e violência presente no banal e mundano.

Documentários retratam uma realidade, a partir de um determinado ponto de vista, utilizando pessoas reais. Entretanto, essa definição não engloba todos os modelos e modos de documentários. Nichols (2016) aponta uma dificuldade de chegar a uma definição precisa de o que é um documentário. É necessária uma reflexão maior sobre essa e outras definições, que será feita no decorrer do desenvolvimento da proposta e tema.

A princípio, o documentário seria composto por depoimentos de vítimas de vítimas de discurso de ódio, que seriam lidos por outras pessoas, ocultando as identidades. Os depoimentos seriam acompanhados de falas de representantes de movimentos, coletivos ou organizações relacionadas às minorias na instituição. Entretanto, durante a produção do documentário houve a necessidade de uma mudança de abordagem, passando a ter apenas depoimento de professores sobre o que é discurso de ódio e a sua presença na universidade.

Com base em uma reflexão de referências da linguagem documental e do diretor norte-americano David Lynch, pretendemos elaborar um audiovisual que fará uma experimentação com o gênero documental e buscará mostrar que atrás dos ambientes, aparentemente calmos e banais da UTFPR Curitiba podem haver histórias de opressão e de violência simbólica (o discurso de ódio). Para isso foram utilizadas imagens da instituição e entrevistas com professores especialistas em

*voice over*⁷. As imagens da UTFPR foram preenchidas pela entrevista *off* dos professores.

A escolha do diretor David Lynch se deve não somente à pertinência da sua filmografia, como será apresentada no decorrer do trabalho, mas também por se assemelhar às nossas preferências estéticas.

Foi produzindo então um curta documental experimental, chamado de Geração de Ódio, que conta com várias entrevistas de professores da instituição sobre questionamentos relacionados ao discurso de ódio e a sua presença na UTFPR e na sociedade em geral.

⁷ O *voice over* pode ser definido como “[...] o som da voz que não nasce da situação de filmagem, não está ligada à imagem que a acompanha, mas é sobreposta a ela durante a montagem do filme.” (PUCCINI, 2012, p. 62)

2 JUSTIFICATIVA

Por conta das nossas experiências cotidianas na instituição, consideramos importante trazer para o centro das discussões a presença do discurso de ódio e mostrar como esse tipo de comportamento pode impactar diretamente a vida dos alunos e professores. Discutir as consequências dessa prática é fundamental para buscar maneiras de extinguir tal tipo de discurso, mostrando que essa atitude pode causar traumas difíceis de superar.

Para o desenvolvimento do trabalho, consideraremos a UTFPR como uma organização, que possui componentes, subdivisões, setores e departamentos. Uma organização é formada, sobretudo, por pessoas, que se relacionam entre si, dentro e fora do cotidiano da organização e o discurso de ódio é algo que pode surgir destas relações. Durante nosso tempo de graduação no curso de bacharelado em

Comunicação Organizacional, tivemos contato com disciplinas que geravam debates e reflexões sobre comportamentos da nossa sociedade, das nossas diferentes culturas e de como a comunicação pode ser usada como transformador social ou como ferramenta de manutenção do *status quo*⁸ da sociedade. Para a elaboração do projeto, nos pautamos nos conhecimentos obtidos em disciplinas com viés mais humanista e da comunicação social, como Cultura e Sociedade, Tecnologia e Sociedade, Ética e Comunicação e Teoria da Comunicação, assim como as relacionadas à produção como Linguagem Visual, Fotografia e Audiovisual.

A UTFPR, como toda organização, precisa estar atenta ao que acontece dentro dela e como são as relações entre seus diversos públicos internos. Segundo Scroferneker (2016, p. 264):

Organizações e sociedade vivem em constante processo recursivo, produzindo-se uma a partir da outra e sendo cenário dos mesmos processos e práticas. A importância que a comunicação assume na construção dos sentidos na sociedade se reflete, igualmente, nos ambientes organizacionais, sobretudo porque é pelos processos comunicacionais que as organizações se auto-eco-organizam.

A partir da discussão que a produção pretende propiciar, a UTFPR pode criar processos de comunicação para coibir atitudes envolvendo discurso de ódio. O

⁸ Do latim “estado atual”, é o estado atual dos fatos, coisas ou situações.

papel da comunicação organizacional no combate ao discurso de ódio é essencial, a partir dela é possível ressignificar certos sentidos refletidos pela sociedade e para a sociedade. Segundo a autora:

[...] é por meio da comunicação organizacional que os vínculos são constituídos, o que nos leva a acreditar que há uma estreita relação entre a comunicação e os processos de identificação e pertença (re)tecidos cotidianamente no espaço organizacional. (SCROFERNEKER, 2016, p. 264)

O problema levantado é de relevância para a UTFPR como organização mas transpassa o âmbito institucional e organizacional, é um tema pertinente para a nossa sociedade. O discurso de ódio não ocorre apenas na instituição, é percebido sua presença em todas as partes, na rua, no ponto de ônibus, dentro de casa, nas redes sociais, no trabalho, etc.

Durante a graduação tivemos contato com diversas disciplinas de linguagem que nos incentivaram a conhecer e procurar novas formas de se expressar (seja texto, fotografia, imagem, som ou vídeo), o que nos levou a escolher o audiovisual como a abordagem do tema.

O audiovisual permite, através do uso de recursos de diferentes gêneros cinematográficos, explorar sentimentos e conceitos com mais facilidade e eficiência. O formato de audiovisual foi o escolhido por ser acessível ao público e por ter um certo prestígio na sociedade. Segundo Roscoe e Hight (2001, p. 6), “o documentário mantém uma posição privilegiada dentro da sociedade, uma posição mantida por uma alegação documental de que ela pode apresentar a mais precisa e verdadeira representação do mundo sócio histórico”⁹. Buscamos na produção essa característica e posição do documentário na sociedade para que os espectadores, após verem o produto final, percebam que o discurso de ódio dentro da UTFPR é um problema real. Em um audiovisual de drama, como filmes de ficção, mesmo que baseado em depoimentos reais, pode não ter esse mesmo impacto e ser tratado como uma obra de ficção.

⁹ Tradução nossa, trecho original: “*Documentary holds a privileged position within society, a position maintained by documentary's claim that it can present the most accurate and truthful portrayal of the socio-historical world*”

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 DISCURSO DE ÓDIO

Muito se tem discutido acerca do discurso de ódio, ou intolerância, no mundo todo. Estamos nos deparando com situações globais, onde tal tipo de discurso vem gerando graves consequências, físicas ou psicológicas, para as vítimas. O discurso de ódio não é recente na sociedade, apesar desse termo, especificamente, ser relativamente novo.

Apesar de ouvirmos falar de discurso de ódio constantemente, a definição do termo ainda é pouco explorada. No geral, parte-se do pressuposto de que o termo é facilmente compreendido por todos e que, desse modo, não exige definição mais aprofundada. Para a elaboração deste trabalho, a fim de definir melhor esse conceito, usaremos a definição dada pelo jurista alemão Winfried Brugger. Para o autor:

O discurso do ódio refere-se a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas. (BRUGGER, 2007, p. 118)

A partir dessa definição dada por Brugger, constatamos que tal discurso é caracterizado por palavras que servem para justificar a privação de direitos e atos de violência. Bakhtin (1992, p. 41) afirma que “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. A disseminação do ódio está atrelada à ideologia da pessoa que o pratica, é um reflexo daquilo que a pessoa, de fato, pensa. Segundo Bakhtin:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (1992, p. 70)

No caso de discurso de ódio, essas palavras estão carregadas de preconceitos (homofobia, racismo, machismo, etc), violência e sobretudo ódio. É

carregado de um conteúdo que visa privar o alvo do discurso de liberdade ou instigar violência, ódio ou discriminação contra ele.

O discurso de ódio ocorre em maior quantidade contra os grupos de minoria. Não nos referimos aqui a minoria no sentido quantitativo da palavra, mas sim no sentido de representatividade. Ou seja, a minoria é a parcela da sociedade que mais padece com as consequências do discurso de ódio, sofrendo, em casos mais severos, violência física e assassinato. Segundo Sodré:

[...] a noção contemporânea de minoria - isto que aqui se constitui em questão - refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidas com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, os antineoliberalistas, etc. (2005, p. 1)

Podemos ver o discurso de ódio também como uma forma de opressão e dominação contra as minorias. Para Foucault (2014), é através do discurso que ocorrem os jogos de poderes presentes na sociedade, segundo o autor:

[...] uma vez que o discurso — a psicanálise mostrou-o —, não é simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é objecto do desejo; e porque — e isso a história desde sempre o ensinou — o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear nos. (FOUCAULT, 2014, p. 10)

Existe no mundo uma grande preocupação com essas minorias e com o que a disseminação de ódio pode causar a ela. Líderes e representantes de organizações mundiais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) já se posicionaram a respeito do tema, com o intuito de chamar atenção para o problema e, de algum modo, combatê-lo.

Segundo as Nações Unidas (2015), a subsecretária-geral da ONU para Comunicações e Informação Pública, Cristina Gallach, lembrou um atentado em Paris, que segundo ela, teve início através de atos de discurso de ódio. Na mesma ocasião, o alto representante para a Aliança de Civilizações da ONU, Nassir Abdulaziz Al-Nasser, enfatizou o papel dos novos meios de comunicação, como o *Facebook* e *Twitter*. Para ele, os grupos radicais estão utilizando essas ferramentas para difundir ideologias extremistas e incitar a violência e o ódio.

Em 2016, o então secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, de acordo com as Nações Unidas (2016), falou sobre a importância da defesa dos direitos humanos, em meio às crescentes necessidades humanitárias e aumento do discurso de ódio. Na ocasião, estava em pauta a campanha da ONU, cujo objetivo era lutar contra a xenofobia¹⁰ enfrentada por refugiados e migrantes, onde o discurso de ódio está atrelado.

Recentemente, em 2017, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, alertou, segundo as Nações Unidas (2017) os governantes do mundo todo sobre o aumento do discurso de ódio e que há uma responsabilidade coletiva e um papel para cumprir no seu combate. Segundo o secretário-geral, estamos vivendo em um mundo cada vez mais intolerante e dividido, onde as pessoas estão sendo alvo por sua raça, nacionalidade, etnia, religião ou orientação sexual.

A partir dos posicionamentos desses líderes, fica evidente a pertinência de discutir os estragos causados pelo discurso de ódio, uma vez que o alvo dessas agressões não é único, mas varia de acordo com a pessoa que pratica a intolerância, seja relacionado à orientação sexual, etnia, religião ou até mesmo posicionamento político. O discurso de ódio é um problema real, que assola o mundo todo e, no Brasil, não é diferente. Um levantamento realizado pela iniciativa Comunica que Muda (2016) identificou que cerca de 84% das menções sobre temas como racismo, política e homofobia nas redes sociais no Brasil tem uma abordagem negativa. O levantamento analisou, entre os meses de abril e junho de 2016, 542.781 menções sobre 10 temas referentes a intolerância, sendo eles: aparência das pessoas, classes sociais, deficiência, homofobia, misoginia, política, idade/geração, racismo, religião e xenofobia.

A vulnerabilidade das minorias pode ser notada em estatísticas de violência no Brasil. Em 2015, segundo Waiselfisz (2015), a taxa de feminicídio no país foi de 4,8 para 100 mil mulheres, a quinta maior taxa do mundo, ficando atrás somente de El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia. As mulheres negras são as principais vítimas e o feminicídio contra mulheres negras têm aumentado. De acordo com Cerqueira *et al.* (2017) no Atlas da Violência de 2017, lançado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. Um cidadão negro tem 23,7% mais chances de ser assassinado em

¹⁰ A xenofobia é uma aversão e preconceito com estrangeiros e com aquilo que é estrangeiro. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/xenofobia/> > Acessado em: 03/dez./2018.

relação a cidadãos de outra cor/raça. Segundo um relatório anual elaborado pela ONG Grupo Gay da Bahia (2016), em 2016, 343 membros da comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) foram assassinados no país, maior número desde o primeiro levantamento, em 2010. Com base nesses dados fica ainda mais evidente o quão prejudicial é o discurso de ódio.

Como o intuito de parte deste trabalho é discorrer a respeito do discurso de ódio dentro da UTFPR Curitiba, fizemos uma pesquisa para exemplificar a existência do mesmo. Com base na pesquisa realizada (que será apresentada mais adiante), chegamos à conclusão de que o discurso de ódio está presente dentro da universidade, se manifestando principalmente através da internet.

Com o desenvolvimento da tecnologia e surgimento de novas formas de se comunicar, mudaram também os métodos que possuímos para expressar nossas opiniões. Um bom exemplo desse desenvolvimento são as redes sociais, como o Facebook. Segundo a Statista (2017), empresa alemã de estatística online, a rede social mais popular do mundo e com maior número de contas ativas é o Facebook, com 2,04 bilhões de usuários. Isso indica que, de alguma maneira, todos esses usuários estão ou podem estar conectados.

A troca rápida e ampla de informação que a internet possibilita permite que os usuários externem opiniões e pensamentos das mais variadas formas, com outros usuários que fazem o mesmo. Segundo Martino:

A partir do final do século XX a noção de “lugar” passa por uma alteração considerável. As conexões sem fio, os dispositivos móveis de comunicação, como smartphones e tablets, somados à expansão de redes wi-fi, liberam o indivíduo do lugar onde estava. A conexão entre lugares foi substituída pela conexão entre pessoas. (2014, p. 139)

Um bom exemplo de local onde esse tipo de situação acontece é o próprio *Facebook*. O que ocorre é que, através dessa rede, alguns usuários propagam mensagens de ódio e cometem atos ilícitos que ferem o direito dos outros usuários. A propagação de discurso de ódio não é algo recente na sociedade, no entanto, tal tipo de discurso acaba se intensificando, em parte pelo anonimato que as redes sociais proporcionam.

Apesar do discurso de ódio estar presente em diversos âmbitos dentro da universidade, escolhemos, nesse primeiro momento, realizar um levantamento de comentários que ocorreram no período da ocupação, pois foi onde o discurso de ódio ficou mais evidente. A ocupação da sede centro do campus Curitiba da UTFPR

começou no dia 18 de novembro de 2016 e se encerrou no dia 25 do mesmo mês, durando uma semana.

Por sermos também alunos da instituição, temos acesso a um grupo dentro do *Facebook*, destinado aos alunos, chamado *UTFPR - Professores*. O grupo foi criado com o objetivo de que os alunos pudessem tirar dúvidas sobre os professores, de como é sua metodologia em sala, avaliações, etc. Mas durante o período da ocupação, o grupo se tornou um ambiente onde os alunos expressavam suas opiniões e ideias em relação ao movimento. Dentro desse grupo, pesquisamos por postagens que incitavam o ódio, relacionado com esse evento específico da ocupação. Usamos palavras-chaves como *ocupação*, *racismo*, *violência*, *homofobia*, *desocupação*, *esquerda* e *direita*. Nesta pesquisa, encontramos e selecionamos uma postagem, a primeira no grupo falando a respeito da ocupação. Foi através dessa postagem que muitos tomaram conhecimento do que estava acontecendo na instituição.

Na publicação (Figura 3), uma aluna compartilhou uma captura de tela de uma publicação de um aluno em sua página pessoal. A publicação teve 642 comentários, dos alunos expressando suas opiniões a respeito do acontecimento. Todos os comentários foram feitos em um curto período de tempo, a publicação foi feita no dia 18 de novembro de 2016 às 23:19 e o último comentário foi feito no dia 19 de novembro de 2016 às 21:25.

Figura 3 - Publicação analisada¹¹

Fonte: Autoria própria

Analisando os comentários, percebemos uma grande polarização de ideias e opiniões, de pessoas que se posicionaram contra ou a favor da ocupação. Essa polarização de ideias não se caracteriza como um problema, uma vez que a diversidade de opiniões é necessária para que haja um debate. O problema começa quando, ao expressar essas opiniões, as pessoas passam a incitar a violência, que não deve servir, em nenhum momento, como solução para a situação. E segundo Brugger (2007), tais incitações são configuradas como discurso de ódio.

Encontramos nessa publicação, comentários que, para reforçar a opinião acerca do assunto, incentiva a violência contra os alunos que optaram por ocupar a universidade como forma de protesto. Selecionamos exemplos de comentários¹² que, por incitar a violência, caracteriza-se como discurso de ódio:

- Vou la estudar um pouquinho de "moral e cívica" dando porrada em comunista.
- Porra a galera estuda dia e noite para um bando de vagabundos mascarados, que se dizem pacíficos, ocuparem o prédio faltando 20 dias pro fim do ano letivo... Se a não ocupação já foi votada não tem o que discutir, pra mim isso é falta de porrada e falta de ter o que fazer!

¹¹ Os nomes e fotos dos envolvidos foram ocultados por nós.

¹² A grafia dos comentários não foram alteradas, estão apresentados na íntegra e inalterados.

- Post contendo uma imagem com a seguinte frase: “maconheiro esquerdista q invade escolas deve ser tratado na base da porrada.”
- ABRAÇO EH O CARALHO VAI LEVAR BOTINADA SE TIVER OCUPANDO O ECOVILLE SEGUNDA FEIRA
- To nem ai pra vagabundo, por mim a polícia pode mandar bala de borracha.
- Todo mundo falando, eu quero é ver ação! Bora chutar estes vagabundos de lá!
- Bora ir TDs lá e quebrar esses vagabundos! Bora gente !
- Vamos se reunir e ir lá desocupar nossa universidade,bora!???
- VAMOS! DAI A GENTE PEGA UMA LANÇA E EMPALA OS CORPOS DELES, MAS NÃO SEM ANTES ARRANCAR A CABEÇA E PENDURAR NOS POSTES!

Vale ressaltar que esses comentários foram extraídos de uma única postagem, que trata de um tema específico, relacionado a questões políticas. O discurso de ódio, como já foi visto anteriormente, abrange diversos outros fatores.

3.2 LUGAR E ORGANIZAÇÃO

O ambiente da organização é marcado pelas relações sociais entre sujeitos distintos, segundo Scroferneker (2016), a organização é um microcosmo social e ela está sujeita a instabilidade e conflitos existentes nas relações humanas. Os conflitos de poder, preconceitos e discurso de ódio acabam contaminando o ambiente da organização. Segundo a autora:

Por ser constituído de pessoas, o espaço organizacional integra muito mais que relações econômicas, de trabalho, de propriedade, estruturais, de consumo ou de poder. É composto, sobretudo, de coletividades que definem seu *ethos* e sua natureza. (SCROFERNEKER, 2016, p.261)

As relações entre os sujeitos vão além das estabelecidas via contrato de trabalho, no caso da UTFPR, o “contrato de trabalho” para os estudantes tem uma roupagem diferente, os alunos estão na organização com o propósito principal de estudar e se formar, mas as relações deles com a universidade vão além disso. Para Scroferneker (2016), o espaço da organização é um sistema vivo de relações e

vínculos, composta por sujeitos, significações e simbolismo. A organização também é feita pelas relações entre aqueles que a constituem.

Há uma criação de vínculo do sujeito com a organização, há um vínculo das relações na organização, “organizações podem ser entendidas como lugares de vínculos, de produção de sentido, de significado, como lugares antropológicos e de experiência” (SCROFERNEKER, 2016, p. 263). Visto isso, não é possível desvincular as relações envolvendo discurso de ódio com a organização, essa relação acaba sendo parte da organização, sendo algo presente na sua constituição.

O documentário pode ajudar a explicitar as relações existentes na organização. Os sujeitos entrevistados fazem parte da universidade e explicitam em suas falas as relações e vínculos com a mesma. Segundo Amossy:

[para a construção de imagem] não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. (2005, p. 9):

A imagem dos entrevistados é explicitada em suas falas, essa imagem está associada a organização pois os mesmos possuem um vínculo com ela. Através dessas falas também é possível explicitar a imagem da UTFPR que os entrevistados têm dela.

3.3 DOCUMENTÁRIO

É necessário também uma pesquisa e reflexão acerca da abordagem e da linguagem visual do documentário. Em um primeiro momento há a necessidade de buscar uma definição de documentário que englobe a proposta, assim como a sua tipologia. Essa discussão é encontrada na obra *Introdução ao Documentário* de Bill Nichols, que é usada como principal referência nessa reflexão.

3.3.1 As Definições de Documentários

Os documentários estão presentes no cinema desde os primeiros filmes dos irmãos Lumière, como *La Sortie de l'usine Lumière à Lyon* (A Saída da Fábrica Lumière em Lyon), em 1895, e *L'Arrivée d'un train à La Ciotat* (A chegada do trem na estação), em 1896. Os curtas dos irmãos eram pequenos recortes da realidade, um registro documental de breves momentos na história.

O cinema evoluiu muito desde as primeiras exposições do cinematógrafo dos Lumière, surgiram várias produções que redefiniram os limites dos gêneros cinematográficos e desafiaram suas convenções. Com o documentário não foi diferente, várias obras levaram à reflexão sobre o que faz um documentário ser um documentário. As definições se encontram sempre em processo de mudança e adaptação. Para Nichols (2016), é possível chegar a uma definição abrangente, mas que ela não é fundamental, uma definição pode limitar as possibilidades de um documentário.

Para chegar a uma melhor definição é necessário compreender, segundo Nichols (2016), três suposições lógicas sobre o documentário, são elas: *documentários tratam da realidade, de algo que realmente aconteceu; documentários tratam de pessoas reais e documentários contam histórias sobre o que aconteceu no mundo real.*

A primeira suposição (*documentários tratam da realidade, de algo que realmente aconteceu*) é válida, mas deve-se refletir sobre a forma com que o documentário trata do que aconteceu. Essa suposição também é correta para filmes de ficção baseados em histórias reais que, apesar de tratarem de um acontecimento ou alguém que existiu, não podem ser considerados documentários pois são alegorias, são um mundo criado para representar e substituir uma realidade. Para Nichols (2016, p. 31), “os documentários falam de situações ou acontecimentos reais e honram os fatos conhecidos; não introduzem fatos novos, não comprováveis. Falam sobre o mundo histórico diretamente, não alegoricamente”.

Assim como a primeira, a segunda suposição (*documentários tratam de pessoas reais*) também é compartilhada com o cinema ficcional que, em casos de produções baseadas em fatos, utiliza, através da interpretação de um ator ou atriz, a história de uma pessoa real. A diferença entre o documentário e a ficção ao tratar de pessoas reais é que em um documentário a pessoa é apresentada e na ficção ela é representada por outra. Para Nichols (2016), os documentários tratam as pessoas

reais sem que elas interpretem ou desempenhem um papel, elas apresentam a si mesmas.

A terceira suposição (*documentários contam histórias sobre o que aconteceu no mundo real*) diz respeito a forma com que essas histórias reais são contadas, é a capacidade de apresentar a realidade como ela é. O documentário, segundo Nichols (2016), apresenta uma representação plausível daquilo que aconteceu e não uma versão imaginativa da mesma ou do que poderia acontecer. Ainda segundo o autor:

[...] essas histórias devem atender a certos critérios para que se qualifiquem como documentários. [...] A separação entre documentário e ficção, como a separação entre a historiografia e ficção, depende do grau em que a história corresponde fundamentalmente a situações, acontecimentos e pessoas reais *versus* o grau em que ela é principalmente produto da invenção do cineasta. Sempre há um pouco de cada. A história que um documentário conta tem origem no mundo histórico, mas, ainda assim, é contada do ponto de vista do cineasta e na voz dele. É uma questão de grau, não uma divisão clara. (NICHOLS, 2016, p. 35)

Os documentários não são uma reprodução fiel da realidade, são uma representação guiada pela visão de mundo dos realizadores e dos atores sociais envolvidos. Para essa representação, é possível e permitido utilizar recursos como reconstituições. Em alguns casos, para representar a realidade, é necessária a reconstituição de certos acontecimentos, entretanto, “o que a reconstituição cria precisa corresponder a um fato histórico conhecido para continuar plausível” (NICHOLS, 2016, p. 36).

A partir da reestruturação dessas três suposições e das reflexões levantadas, o autor chega na elaboração de uma definição mais abrangente. Os documentários podem ser definidos como uma produção que:

[...] fala de situações e acontecimentos que envolvem pessoas reais (atores sociais) que se apresentam para nós como elas mesmas em histórias que transmitem uma proposta, ou um ponto de vista, plausível sobre as vidas, as situações e os acontecimentos representados. O ponto de vista particular do cineasta molda essa história numa maneira de ver o mundo histórico diretamente, e não numa alegoria fictícia. (NICHOLS, 2016, p. 37)

A proposta de documentário aqui apresentada é contemplada por essa definição. O produto discute sobre a presença de discurso de ódio na UTFPR Campus Curitiba e na sociedade a partir de entrevistas, em *voice over*, sendo guiado pela visão dos realizadores, sem o uso de alegorias fictícias.

3.3.2 Os modos de Documentários

Essa definição, apesar de abrangente, falha em englobar os diferentes tipos e estilos de documentários. As produções tratam a realidade de maneiras diferentes e se utilizam de diversas técnicas cinematográficas para dar forma a uma determinada visão de mundo. Segundo Nichols (2016), os documentários tendem a ser agrupados em diversos modos que compartilham entre si certas semelhanças, podem utilizar diferentes características, criando assim uma certa identidade.

Nichols (2016) apresenta seis principais modos de documentários, sendo eles: *poético*, *expositivo*, *observativo*, *participativo*, *reflexivo* e *performático*. Cada modo possui uma série de características que servem como artifícios para os realizadores do documentário transmitirem a sua visão sobre determinada realidade e o sentido que pretendem dar a produção. As produções não utilizam, necessariamente, apenas um modo, usam determinadas características deles de acordo com a visão dos realizadores. Os mais relevantes para o projeto aqui apresentado são o poético, expositivo e performático.

No modo poético há a ênfase nas associações feitas através das imagens apresentadas e no ritmo da montagem. Esse modo se desprende de várias convenções do documentário, ele “[...] enfatiza mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento fatural ou os atos de persuasão retórica” (NICHOLS, 2016, p. 170). Busca-se transmitir não um conhecimento ou um acontecimento, a busca é por demonstrar, através de uma série de imagens, aparentemente sem uma ligação lógica, um mundo novo e singular. É a percepção de um mundo poético.

Esse modo é um dos precursores do documentário. As produções dos irmãos Lumière se enquadram nessas características, assim como *Um Homem com uma Câmera* (*Tchelovek s kinoapparatom*, 1929) de Dziga Vertov. O documentário *Geração de Ódio*, que produzimos, também se enquadra nesse modo, pois, através de imagens da instituição, busca transmitir sensações e mostrar uma percepção diferente dos lugares mostrados.

No modo expositivo as perspectivas e os argumentos sobre determinado assunto ou realidade são apresentados de forma didática ao espectador, através de entrevistas, narração, *voice over*, textos, etc. Segundo Nichols:

O modo expositivo também propicia uma economia de análise, já que as argumentações podem ser feitas em palavras de maneira sucinta e precisa. O documentário expositivo é o modo ideal para transmitir informações ou mobilizar apoio dentro de uma estrutura preexistente ao filme. (2016, p. 177):

O documentário produzido usa as entrevistas para transmitir a reflexão sobre discurso de ódio, o modo expositivo permitiu que isso seja feito de uma maneira mais eficiente.

A ênfase do modo performático está no aspecto subjetivo e expressivo dos realizadores do documentário e dos atores sociais. Nele é buscado transmitir algo que não é tangível e também potencializar certos aspectos da realidade. Para Nichols (2016, p. 210), “quando (os documentários performáticos) tentam fazer alguma coisa, é para nos ajudar a sentir como seria determinada situação ou experiência”. Isso pode ser feito através de reconstituições de alguma memória ou de pensamento, por exemplo, reconstituir um acontecimento que está sendo contado por um entrevistado ou encenar algum sonho ou pensamento do mesmo.

O documentário Geração de Ódio utiliza características desse modo na projeção dos comentários com discurso de ódio, realizados por alunos da UTFPR em grupos da instituição, nas paredes do campus.

4 REFERÊNCIAS ESTÉTICAS, VISUAIS E TEMÁTICAS

Para a produção do documentário recorreremos a referências tanto estéticas e visuais como temáticas para buscarmos, no que já foi feito, elementos que nos ajudem a encontrar a melhor forma de abordar o tema. Dentre as obras a serem usadas como referência temática, estão o curta-metragem *Ellis* (2015), dirigido por JR, e os documentários *O ódio na internet (Les réseaux de la haine, 2015)*, dirigido por Rokhaya Diallo e Mélanie Gallard, *Charlottesville: Race and Terror*, produzido pela *Vice News* (2017), e *A Chuva (Regen, 1929)*, de Joris Ivens e Mannus Franken. Essas produções possuem elementos que nos auxiliaram em algumas temáticas, como o uso de *voice over*, o discurso de ódio e do modo poético do documentário.

As referências estéticas e visuais usadas são o curta documentário *Speak Body* (1979), de Kay Armatage, e o diretor norte-americano David Lynch, com os filmes *Eraserhead* (1977) e *Veludo Azul (Blue Velvet, 1986)* e a série *Twin Peaks* (1990-1991, 2017). Elas são as principais referências por terem uma influência maior na produção, uma delas, *Speak Body*, possui uma abordagem semelhante a utilizada, e a estética das produções de David Lynch foram nossas bases. Essas produções terão um foco maior nos comentários por serem as que mais se aproximam da nossa visão para o documentário. Para tecer os comentários recorreremos à uma reflexão teórica, no caso do David Lynch, e uma conversa com a diretora, no caso de *Speak Body*. Elas serão exploradas em tópicos separados.

A seguir iremos detalhar melhor as referências que nos auxiliaram na maturação do tema e da abordagem estética, enfatizando os elementos que podem auxiliar na abordagem do tema.

Ellis: é um curta dirigido pelo fotógrafo e artista de rua francês JR¹³, estrelado pelo premiado ator Robert De Niro. O filme segue o personagem de De Niro, que caminha por uma instalação artística do diretor no hospital abandonado na Ilha Ellis nos Estados Unidos, que serviu de posto de exames de imigrantes europeus durante o século XIX e início do século XX. Durante essa caminhada, o ator narra,

¹³ O fotógrafo francês é conhecido também pelo seu projeto *Woman Are Heroes* realizado no Morro da Providência, no Rio de Janeiro, onde JR fotografou e colou nos muros retratos de moradoras da comunidade, entre 2009 e 2010. Projeto disponível em: <<http://www.jr-art.net/projects/women-are-heroes-brazil>> Acessado em: 26/out./2017.

em *voice over*, histórias esquecidas de imigrantes que passaram pela ilha e também dos que ficaram retidos nela. Há vários planos em que são mostradas as salas abandonadas do hospital, sem a presença do ator, como podem ser vistos nas figuras 4 e 5.

Figura 4 - Robert De Niro em Ellis (2015)



Fonte: *Still* de Ellis (2015)

Figura 5 - Sala abandonada em Ellis (2015)



Fonte: *Still* de Ellis (2015)

Apesar de tratar de depoimentos de imigrantes, o curta não é um documentário e sim uma ficção baseada em histórias reais. Ele foi escrito e roteirizado¹⁴ com base em diversos relatos.

Os elementos do curta que usamos como referências são a utilização de *voice over* e a fotografia utilizada, que se aproveita dos espaços vazios para ambientar as histórias.

¹⁴ O roteiro foi escrito por Eric Roth, vencedor de um Óscar de melhor roteiro adaptado e indicado em outras três ocasiões na mesma categoria.

O ódio na Internet (Les réseaux de la haine): nesse documentário, a jornalista francesa Rokhaya Diall, após ter sofrido diversos ataques de discurso de ódio vindo de um usuário até então anônimo, busca na justiça uma punição contra o agressor e também investiga casos semelhantes no qual o emissor de um discurso de ódio foi identificado e julgado. Ela conversa com diversas vítimas e explora o impacto que tais acontecimentos tiveram nas suas vidas. Além disso, a jornalista investiga o motivo pelo qual existe discurso de ódio, para isso, conversa com um sociólogo. O documentário também explora a legalidade, dentro do sistema judiciário francês, do discurso de ódio e de que forma tal prática tem sido combatida.

O tema deste documentário é semelhante ao produzido, nele há entrevistas com diversos especialistas e estudiosos que pesquisam temas relacionados com discurso de ódio, há também o relato de diversas vítimas de tal discurso. O documentário produzido, Geração de Ódio, se utiliza de entrevistas com professores para refletir sobre o tema, assim o Ódio na Internet (2015), entretanto, não há entrevistas com vítimas.

Figura 6 - A jornalista Rokhaya Diall em Ódio na Internet (2015)



Fonte: *Still* de Ódio na Internet (2015)

Figura 7 - Vítima de discurso de ódio em Ódio na Internet (2015)



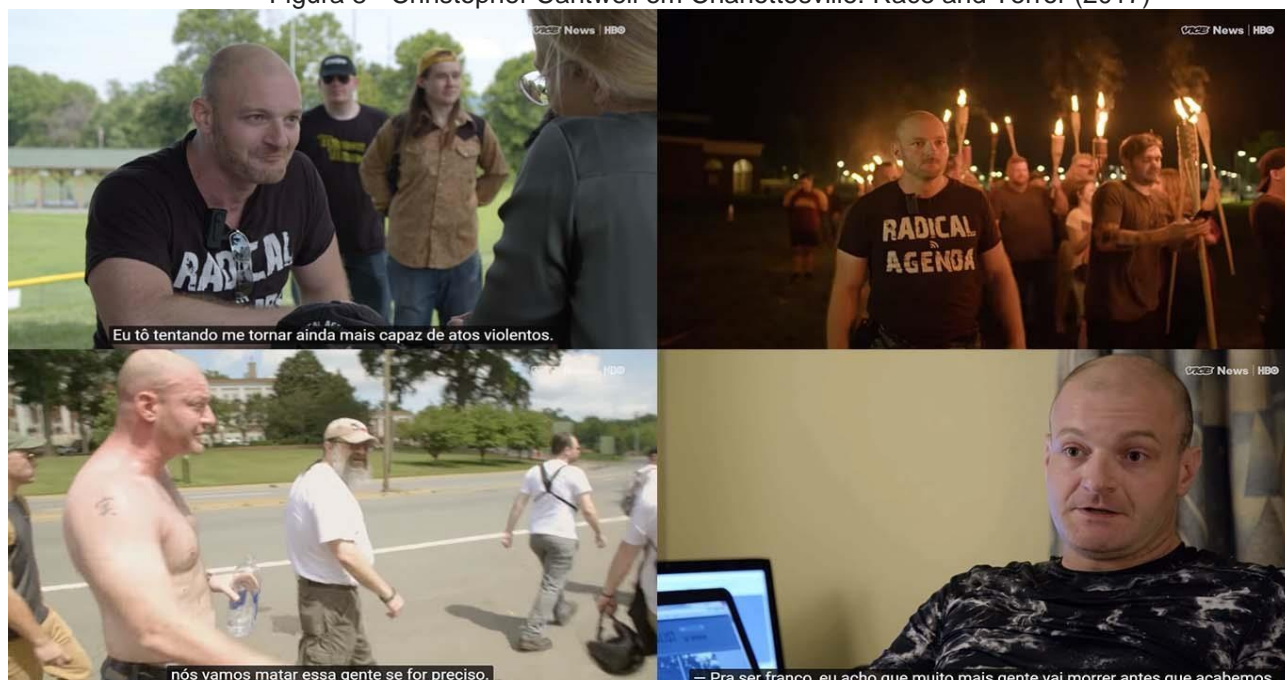
Fonte: *Still* de Ódio na Internet (2015)

Charlottesville: Race and Terror: o documentário do programa *VICE News Tonight*, transmitido pela rede norte-americana de televisão *HBO*, acompanha os protestos de supremacistas brancos e neonazistas na cidade de Charlottesville, nos Estados Unidos, em agosto de 2017. A repórter Elle Reeve acompanhou, na maior parte da produção, Christopher Cantwell, um dos líderes do movimento no país. Durante os protestos houve vários conflitos entre os grupos neonazistas e supremacistas brancos com protestantes contrários a eles. Houve dezenas de feridos e três mortes.

No documentário, os protestantes declararam que os protestos eram uma prova de que eles não eram um movimento que existe apenas na *internet*, que conseguem se organizar e colocar em prática aquilo que dizem. Durante a manifestação gritaram aquilo que repetiam *online* e usaram de violência física em vários momentos. O documentário mostrou que o discurso de ódio pode resultar em uma onda de violência quando há a oportunidade.

A trilha sonora é composta de músicas que ajudam a construir um clima de urgência e tensão, sentimento que é potencializado com as imagens do protesto, onde haviam muitas pessoas armadas com tochas, pistolas, rifles, fuzis, facas e bastões. O clima de tensão e urgência são elementos da produção que usamos como referência.

Figura 8 - Christopher Cantwell em Charlottesville: Race and Terror (2017)



Fonte: *Still* de Charlottesville: Race and Terror (2017)

Figura 9 – A violência em Charlottesville: Race and Terror (2017)



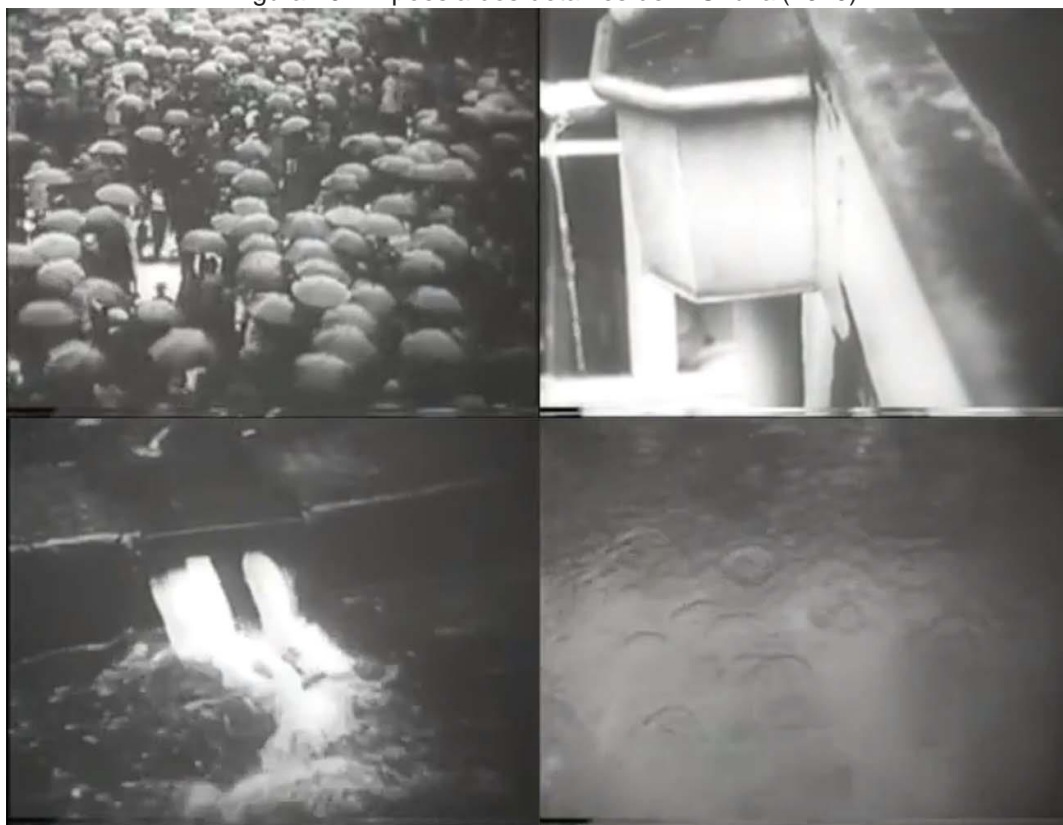
Fonte: *Still* de Charlottesville: Race and Terror (2017)

A Chuva (Regen): é um curta-documentário experimental dirigido pelo holandês Joris Ivens e co-dirigido por Mannus Franken, considerado por Bill Nichols (2016) como um dos grandes expoentes do modo poético no cinema documental. A produção registra os efeitos da chuva no cotidiano da cidade de Amsterdã, na Holanda.

O documentário começa com um dia ensolarado que muda, aos poucos, após a chegada da chuva. Foram necessários dois anos para que os diretores conseguissem imagens o suficiente para montar o curta, foram feitas gravações em diferentes dias de chuvas em diversas partes da cidade.

O curta é basicamente composto por diversos planos da vida na cidade (pedestres fugindo da chuva, gotas caindo em um rio, árvores balançando ao vento, pessoas de guarda-chuva, etc.), todos agrupados por uma montagem regida pela sinfonia da trilha sonora. Há poesia em cada pequeno detalhe da chuva. Na nossa produção buscamos essa poesia nos detalhes e uma montagem regida por uma trilha e, no nosso caso, também pelas entrevistas em *voice over*.

Figura 10 - A poesia dos detalhes de A Chuva (1929)



Fonte: *Still* de A Chuva (1929)

4.1 SPEAK BODY

Durante a nossa leitura do livro *Introdução ao Documentário* de Bill Nichols, conhecemos o curta documentário canadense *Speak Body* (1979), de Kay Armatage. A produção é utilizada como um rápido exemplo do modo poético de

documentário, nela há várias imagens (páginas de diário, flores, telefone, etc.) com *voice over* intercalado de diferentes mulheres contando suas experiências em relação ao aborto, em nenhum momento essas mulheres são mostradas nas imagens. Uma das imagens utilizadas é um diário, que pode ser visto, a seguir, na figura 11.

Figura 11 - O curta Speak Body (1979)



Fonte: Canadian Filmmakers Distribution Centre (2017)

Buscamos o documentário para usarmos como referência, entretanto, nossas buscas se mostraram infrutíferas¹⁵. Conseguimos entrar em contato, por *e-mail*, com Kay Armatage, a diretora do documentário. Ela, atualmente, é professora na Universidade de Toronto (*University of Toronto*), no Canadá, ministra aulas nos setores de estudos de Cinema (*Cinema Studies Institute*) e estudo de mulheres e gênero (*Women and Gender Studies Institute*). E também exerceu, entre 1983 e 2004, o cargo de programadora internacional no Festival Internacional de Cinema de Toronto (*Toronto International Film Festival*). A diretora descreveu para nós o documentário, suas referências e o processo de gravação e edição por email. Consideramos os seus comentários como pertinentes para a produção¹⁶.

Sobre o curta, Armatage (2017) comenta que é tecnicamente simples, sendo uma série de imagens que representam uma experiência, como um telefone,

¹⁵ Até o momento não conseguimos assistir ao documentário pois não encontramos uma cópia acessível a nós, entretanto, ainda estamos em contato com o *Canadian Filmmakers Distribution Centre*, que se disponibilizou a nos enviar uma cópia digital da produção assim que possível.

¹⁶ A conversa ocorreu por email e em inglês, a tradução da conversa foi feita por nós. A mensagem na íntegra pode ser encontrada em ANEXO A – *E-mail enviado por Kay Armatage* ao fim do trabalho.

páginas de diário, flores, luz de foco cirúrgico de sala de operação, etc. No nosso projeto, usamos imagens da instituição para contextualizar visualmente o local onde as vítimas e os autores do discurso de ódio convivem quase que diariamente.

O uso do *voice over* em *Speaky Body*, segundo a diretora, difere do que é mais comum em documentários, que são “indivíduos contando história do início ao fim, acompanhados por uma montagem de imagens” (ARMATAGE, 2017). No curta, as vozes, que contam histórias pessoais, são colocadas juntas de uma forma que torna a faixa do áudio o elemento da montagem. As imagens são acompanhadas por uma montagem de áudio.

O documentário reúne depoimentos de diferentes pessoas, com vozes distintas, segundo a diretora, tal abordagem tinha como objetivo “sugerir uma voz mais coletiva, e não individual, e produzir uma espécie de narrativa harmonizada a partir de experiências separadas” (ARMATAGE, 2017). No nosso caso, o uso do *voice over* de diferentes pessoas (entrevistados) também possui um objetivo semelhante, há a tentativa passar a noção de que há uma conexão entre as reflexões dos diferentes entrevistados.

O uso das vozes também teve outro objetivo, para Armatage (2017), “[...] por a gravação das vozes ser tão limpa e elas entrarem e saírem, há uma espécie de qualidade alucinante que eu esperava que pudesse implicar em algo mais profundo do que o discurso convencional”. Essa busca por algo que difere do convencional se aproxima do caráter experimental do nosso projeto.

4.2 O CINEMA DE DAVID LYNCH

O produto faz uma experimentação com o gênero documental, utilizando parte do estilo do diretor e técnico de som norte-americano David Lynch, especificamente no seu uso da câmera estática em ambientes cotidianos acompanhado de efeitos sonoros que causam desconforto durante a terceira temporada da série *Twin Peaks* (1990-1991, 2017). A temporada também é marcada por momentos longos de silêncio e em momentos em que há apenas relatos dos personagens sobre um acontecimento sem que o relato seja mostrado visualmente para o espectador. O diretor é conhecido pela forma que retrata as

atitudes mais mundanas e banais, indo além das aparências, seus personagens e locações guardam segredos perturbadores. Segundo Ferraraz:

Dentre os vários aspectos intrigantes observáveis nos filmes de David Lynch, um deles é a sensação de perturbação e incômodo causado a partir de situações cotidianas e cenas decorridas em ambientes absolutamente comuns, familiares, normais. (2003, p. 47)

Algo recorrente nas suas obras são os segredos e a descoberta daquilo que está além das aparências e da superfície. David Lynch busca subverter aquilo que é considerado normal e o esperado nos filmes. Para Ferraraz (2003, p. 53), ele faz “o normal parecer anormal, o convencional, anticonvencional, o familiar, estranho”. O diretor pega o banal, o pacato e o cotidiano para subverter e mostrar o lado bizarro e aterrorizante do mundo (e em muitas vezes de outro mundo). A estranheza dos filmes do Lynch são derivados de elementos familiares e conhecidos.

O diretor preza por criar uma atmosfera estranha e bizarra nas suas produções, não tenta explicar aquilo que ocorre na tela ou na trama. Seus filmes são geralmente abertos a diversas interpretações. Lynch, inclusive, evita explicar seus filmes ou dar respostas sobre as questões deixadas em aberta. Segundo Ferraraz (2003), as imagens e sons perturbadores usados por Lynch em suas produções causam o pânico da não-compreensão do que está sendo visto e ouvido.

A seguir iremos expor três obras da carreira de Lynch, pontuando as suas contribuições para a produção do documentário.

Veludo Azul (Blue Velvet): o jovem Jeffrey (Kyle MacLachlan) volta a sua pacata cidade natal para visitar seu pai que acabara de ser internado após sofrer um ataque cardíaco. Em uma das suas idas ao hospital, ele encontra uma orelha decepada em um terreno baldio e resolve investigar a origem do membro. Aos poucos, com a investigação, o macabro mundo do crime da pacata cidade vai se revelando.

Jeffrey, em muitos momentos, age como apenas um espectador, ele observa as atividades criminosas sem interferir e em determinados momentos é levado de carona pelo criminoso Frank (Dennis Hooper) pelo submundo do crime na cidade. Para Ferraraz (2003), Jeffrey exerce um papel de *voyeur*¹⁷ e que esse *voyeurismo* do personagem é uma metáfora à condição do espectador de um filme, que apenas

¹⁷ *Voyeur* é uma pessoa que sente prazer em observar atos sexuais, práticas íntimas e a privacidade de outras pessoas. No contexto do posicionamento do autor, o *voyeurismo* está mais ligado ao prazer em observar a vida dos outros, não sendo algo, necessariamente, sexual.

observava o desenrolar da história, sem interferir. O próprio diretor já fez comentário em relação a esse paralelo:

[...] o filme é realmente *voyeurismo*. Você senta na segurança do cinema, e ver é algo muito poderoso. E nós queremos ver coisas secretas, nós realmente queremos ver.[...] E quanto mais nova e secreta elas são, mais nós queremos ver.¹⁸ (LYNCH, RODLEY, 1999, p. 145 apud FERRARAZ, 2003, p. 63)

O *voyeurismo* pode ser visto na cena (representada na figura 12) em que Jeffrey invade o apartamento de uma cantora para investigar a origem da orelha decepada que encontrou. Ele precisa se esconder no armário quando a dona do apartamento volta, e do armário observa a cantora em sua vida íntima e também ela sofrendo violência física e sexual do criminoso Frank.

Figura 12 - O voyeurismo de Jeffrey em *Veludo Azul* (1986)



Fonte: Nicholas Barber (2016)

Em *Veludo Azul*, David Lynch subverte a calma e paz da pacata cidade ao mostrar que, atrás das aparências e do banal, há histórias de violência que não são percebidas. As aparências vão sendo derrubadas a medida que Jeffrey (que faz o papel do espectador) observa e vivencia a violência que se encontrava escondida. Podemos aqui traçar um paralelo com a proposta de documentário, onde pretendemos mostrar, através das reflexões sobre discurso de ódio, algo que acontece no cotidiano da instituição e que, muitas vezes, não é percebido.

Eraserhead: foi o primeiro filme de David Lynch e é marcado pelo surrealismo e o terror. Filmado todo em preto e branco, o longa acompanha Henry (Jack Nance), que vive em um pequeno apartamento próximo de uma fábrica

¹⁸ Trecho original: “[...] film is really voyeurism. You sit there in the theatre, and seeing is such a powerful thing. And we want to see secret things, we really wanna see them. [...] And the more new and secrets they are, the more we wanna see them.”

abandonada. Ele descobre que sua namorada, Mary X (Charlotte Stewart), está grávida, os dois se casam e passam a morar juntos. O filho do casal é uma criatura deformada que tem todos os órgãos internos mantidos por uma atadura, chora o dia todo e não come. Mary não aguenta viver daquela forma e vai embora de casa, deixando Henry e o bebê sozinhos.

Henry mergulha em alucinações e sonhos, em diversos momentos não é possível saber ao certo se o que está acontecendo é real ou não. Durante o filme há barulhos estranhos, que causam um certo desconforto. No filme há poucos diálogos e, quando há, não fazem muito sentido à primeira vista. Segundo Ferraraz:

A caracterização física do personagem, como seu cabelo arrepiado [...], numa expressão extremada de impassibilidade; seu jeito autômato de caminhar; as imagens de uma cidade industrial deserta mas com sons que denotam uma atividade vivaz; os ruídos extradiegéticos que não cessam; a câmera que mostra o ambiente vazio, antes e depois da passagem do protagonista; o tempo alongado na espera pelo funcionamento do elevador: os detalhes de uma cena banal - um trabalhador voltando para sua casa - são acentuados, exagerados a tal ponto que acabam dotando o filme de um caráter estranho e incômodo. (2003, p. 48 - 49)

No documentário, usamos esses elementos que causam o desconforto no filme, como o silêncio e sons ambientes incomuns, para atribuir aos ambientes da instituição esse caráter estranho e incômodo. Na figura a seguir vemos uma das cenas onde há esse silêncio incomodo, onde Henry observa o seu filho.

Figura 13 - Henry observa seu filho em *Eraserhead* (1977)



Fonte: Anthony Balducci's Journal (2016)

Em 2004, o longa foi selecionado para ser preservado pela *National Film Registry* na *Biblioteca do Congresso* dos Estados Unidos por sua importância na história do cinema.

Twin Peaks: a série, criada em parceria com o roteirista Mark Frost, teve três temporadas (1990, 1991 e 2017)¹⁹ e um filme em 1992²⁰. Ela gira em torno da investigação do assassinato da jovem Laura Palmer (Sheryl Lee) na pacata cidade fictícia de *Twin Peaks* nos Estados Unidos, cidade que faz fronteira com o Canadá, o caso é investigado pelo agente do FBI Dale Cooper (Kyle MacLachlan) por, possivelmente, ter uma ligação com um homicídio em outra cidade. A cada episódio, mais intrigas eram reveladas com as investigações de Cooper, a cidade pacata revela-se uma cidade repleta de casos de violência, prostituição, corrupção e tráfico de drogas. Segundo Capanema:

[...] os personagens de *Twin Peaks*, que não são poucos, são ambíguos e divididos, na medida em que guardam marcas e segredos reprimidos em seus sombrios porões, elementos esses que vão sendo revelados no seu comportamento ao longo da série[...]. (2016, p. 63)

Quase todos os personagens escondem um segredo, por exemplo, Laura Palmer, que era a rainha do baile da escola e uma das pessoas mais queridas na cidade era também uma garota de programa viciada em cocaína. O duplo é um dos temas centrais da série (vida dupla de personagens, personagens gêmeos, o bem e o mal, o terreno e o extradimensional, etc). Na figura seguinte vemos o protagonista, Dale Cooper durante a investigação do crime.

Figura 14 - Dale Cooper em *Twin Peaks* (1990 - 1991)



Fonte: That was a bit mental (2015)

¹⁹ A primeira temporada é composta por 8 episódios, a segunda por 22 e a terceira por 18. Totalizando 48 episódios

²⁰ *Twin Peaks - Os Últimos Dias de Laura Palmer* (*Twin Peaks - Fire Walk With Me*)

A medida que a trama avança, mais elementos surrealistas e fantásticos vão sendo incorporados na história. O assassino da Laura Palmer é um ser de outra dimensão chamado BOB (Frank Silva) que tomou conta do corpo do pai de Laura, Leland (Ray Wise).

Para a nossa produção, os elementos trazidos na terceira temporada são os mais relevantes. A terceira temporada estreou 26 anos depois do fim da segunda e foca no retorno de Dale Cooper, nos dias atuais, que havia ficado preso em outra dimensão e teve seu corpo possuído por BOB durante todo esse tempo .

Um elemento muito utilizado na terceira temporada é a narração de histórias, em vários momentos, personagens narram algo que aconteceu com eles, entretanto, essa história não é mostrada ao espectador, que fica preso ao relato dos personagens.

No quarto episódio da terceira temporada, o personagem Wally Brando (Michael Cera) narra para os pais, Lucy (Kimmy Robertson) e Andy (Harry Goaz), e para o xerife Frank Trumam (Robert Forster) as suas aventuras pelas estradas do país. Todos escutam a história de Wally com atenção e em silêncio (Figura 15). Ao não usar o recurso de *flashback*, Lynch faz com que o espectador imagine o relato. O uso do relato aparece em diversas ocasiões no decorrer da temporada. Para Hessel:

Ao mesmo tempo, temos aqui uma narrativa que, apesar do tom irônico, acredita muito na capacidade de fabulação do ato de contar histórias - uma ideia de esperança que vai na contramão do nihilismo. É por isso que quando os personagens lembram casos passados [...] o espectador não ganha imagens de flashback para ilustrá-las e "dar-lhes vida". Tudo o que temos é o relato oral do presente e não há alternativa a não ser acreditar nele. (2017)

Esse elemento é semelhante ao uso das entrevistas no projeto, o espectador não terá imagens das manifestações de discurso de ódio, apenas a fala dos entrevistados que comentam as formas com que ocorrem tais manifestações.

Figura 15 - Wally e o relato em Twin Peaks (2017)



Fonte: Hanh Nguyen (2017)

O silêncio é outro elemento marcante na terceira temporada. Em vários momentos os personagens apenas se olham por um longo período, sem que algo seja falado. A equipe de investigação formada pelo chefe de Cooper, o agente Gordon Cole (interpretado pelo próprio diretor, David Lynch), são protagonistas de vários momentos silenciosos, o grupo permanece calado enquanto pensam em alguma teoria para explicar os eventos bizarros da série (Figura 16). Os momentos de silêncio são usados também nas várias cenas de espaços, como as florestas de Twin Peaks, a lanchonete da cidade, as estradas, etc.

Figura 16 - O silêncio em Twin Peaks (2017)



Fonte: Still de Twin Peaks (2017)

No sétimo episódio da terceira temporada, um funcionário varre a pista do bar Roadhouse enquanto o dono, Jean-Michel Renault (Walter Olkewicz), está no balcão fazendo anotações, ambos permanecem em silêncio. O telefone toca e Renault atende, a ligação é de um suposto cliente reclamando que as duas garotas de programa que mandou têm apenas 15 anos, ele nega que elas sejam dessa idade e desliga. Após a ligação ser encerrada, o silêncio volta. Nessa cena (Figura 17) há diversos elementos presentes na carreira de David Lynch, como o silêncio, a subversão da normalidade, os segredos e a falta de movimentação.

Figura 17 - O banal em Twin Peaks (2017)



Fonte: *Still* de Twin Peaks (2017)

O caráter experimental do projeto deve-se ao uso desses elementos que estão presentes na cinematografia de David Lynch, elementos dos quais são utilizados em filmes e séries que serão usados em uma produção documental. Lynch utiliza esses recursos para mostrar a violência e o estranho por detrás do cotidiano e do banal. Essa busca do diretor é semelhante à nossa, pretendemos mostrar essa violência oculta no banal através do contrates entre os ambientes cotidianos da UTFPR e as entrevistas em *voice over* sobre o discurso de ódio.

Iremos recorrer às escolhas de David Lynch, como o silêncio, o depoimento e o estranho, para abordar o discurso de ódio e mostrar que essa violência ocorre em meio ao cotidiano banal da UTFPR. O experimental também está nessa procura em subverter o significado dos locais da instituição atribuindo aqueles espaços um pano de fundo de atitudes de violência, que é a propagação de discurso de ódio.

4.3 A TRILHA SONORA

Para a composição da trilha sonora, faremos o uso de *temp tracks*, que são trechos de músicas existentes que são usadas como referência para a composição da trilha final. Este procedimento será melhor detalhado no tópico de pós-produção.

Como *temp tracks* serão utilizadas músicas do *rapper* norte-americano Corbin (também conhecido como *Spooky Black* e *Lil Spook*), mais especificamente em algumas das músicas que integram o seu álbum *Mourn* (2017). O rapper, de 19 anos, tem letras que tratam de temas como morte, depressão, violência e separação, e utiliza de sintetizadores e sons diversos (como vento, respiração, corrente de água, etc). As músicas do álbum dele que serão usadas são: *Giving Up*, *Revenge Song*, *No Title*, *All Out*, *Something Safe* e *The Fold Up*. A escolha desse artista e dessas músicas deve-se ao clima de tensão e melancolia presente nas faixas e da discografia de Corbin. A trilha será composta por um dos integrantes da dupla do projeto ou por uma terceira pessoa. A escolha pelo compositor será melhor detalhada no tópico Pós-Produção.

5 PLANEJAMENTO DE PRODUÇÃO

Para elaboração de um documentário é necessária a definição de etapas a serem cumpridas durante a produção, sendo separadas em três estágios, a pré-produção, a produção e a pós-produção. A metodologia de produção utilizada é baseada no modelo proposto por Puccini (2012). Segundo o autor, o documentário surge de um processo criativo do realizador, constituído de etapas comandadas por escolhas subjetivas. Essas escolhas foram exploradas em tópicos anteriores. Em produções audiovisuais de ficção, o planejamento das etapas é influenciado por um roteiro. O roteiro é “uma história contada em imagens, diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática” (FIELD, 2001, p. 11 - 12), serve como um guia para todos os envolvidos na produção em seus diferentes estágios. Nele está contida a estrutura dramática a ser apresentada, sendo uma organização linear dos eventos e episódios da produção. Em uma produção documental nem sempre é possível a elaboração de um roteiro fechado pois não há o controle total do que pretende ser representado. Segundo Puccini:

Se, no filme de ficção, o controle do universo de representação está, desde a saída, todo a mão dos responsáveis pela concepção do filme, seja ele uma adaptação ou não, em documentário esse controle é uma aquisição gradual. (2012, p.16)

Ainda segundo o autor, o processo de roteirização do documentário se aproxima mais de um processo de seleção do tema a ser investigado, das vozes e personagens a serem ouvidos e uma elaboração prévia dos planos²¹ e enquadramentos²². O documentário toma forma durante a etapa de montagem na pós-produção, onde “[...] é comum recorrer-se à escrita de um roteiro que oriente a montagem” (PUCCINI, 2012, p. 17). Esse processo será melhor abordado mais adiante.

²¹ “[...] o plano corresponde ao pedaço de filme entre dois cortes” (PUCCINI, 2012, p. 85)

²² É a porção do ambiente e do espaço filmado que aparece na tela.

5.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Durante a pré-produção foi elaborada uma proposta que deu subsídio para a etapa de pesquisa, tanto do tema quanto das locações de filmagem. Durante a escrita da proposta é feita uma seleção do que será abordado no documentário e de que forma. Passada essa etapa, é necessário se aprofundar no tema e na abordagem. Para Puccini (2012), os realizadores do documentário precisam ler tudo que for possível sobre o tema, se aprofundar nele para garantir que será levantado tudo que for necessário. Esse aprofundamento foi apresentado nos tópicos anteriores.

Durante a pré-produção é realizada uma importante etapa do projeto, que são as pré-entrevistas. Segundo Puccini (2012), pré-entrevistas são úteis para a coleta e aprofundamento de informações, assim como para avaliação da postura dos entrevistados e sua importância no documentário.

Também foi realizado um levantamento sobre os representantes de movimentos sociais dentro da instituição ou possíveis especialistas no tema, também da UTFPR, e o interesse dos mesmos quanto uma possível participação no documentário, assim como a realização de uma conversa inicial com os interessados.

Outra etapa desse estágio é a pesquisa de campo. Segundo Puccini (2012, p. 34), “mapear e fazer um cuidadoso estudo das locações pode ser útil para prevenir possíveis imprevistos ou problemas técnicos [...] além de fazer com que o documentarista se familiarize com o universo abordado”. A pesquisa de campo é importante pois permite um melhor planejamento do que será filmado durante o estágio da produção e dos equipamentos que serão necessários. Mesmo convivendo quase que diariamente dentro da instituição durante quase quatro anos, vimos a necessidade de fazer o mapeamento e listar as condições técnicas dos espaços da UTFPR. Temos o conhecimento apenas dos espaços que convivemos e que não necessariamente condiz com os que as vítimas do discurso de ódio convivem. Esse mapeamento é um guia para o planejamento de filmagem, que faz parte do estágio de produção.

No documentário há a possibilidade de ser usado materiais de arquivos, como reportagens sobre conflitos envolvendo discurso de ódio e sobre a ocupação na

UTFPR. O uso desses materiais, geralmente, envolve burocracia e uma negociação prévia.

5.2 CHECK-LIST DE EQUIPAMENTOS

Antes de iniciar a produção é importante realizar um levantamento dos equipamentos que se encontram disponíveis para o projeto para que saibamos quais são as nossas possibilidades técnicas de captação. Elaboramos um *check-list* prévio dos equipamentos que possivelmente teremos a disposição, a lista é um misto de equipamentos disponíveis no Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação (DALIC) da UTFPR, do qual temos acesso por sermos alunos de um curso do departamento, e equipamentos que pertencem a integrantes da dupla ou pessoas próximas que se disponibilizaram a realizar o empréstimo dos mesmos.

Quadro 1 - *Check-List* de Equipamentos

Check-List	
Equipamento	Quantidade
Câmera Canon DSLR T5i	2
Lente 18-135 mm	1
Lente 18-55 mm	1
Lente 50 mm	1
Baterias para Canon	4
Cartões de Memória SD C10	4
Tripé Greika	4
Iluminação portátil LED	2
Microfone Lapela	1
Gravador H6 Zoom Digital	1
Computador	2
Rebatedor de Luz	2

Fonte: Autoria própria

5.3 PRODUÇÃO

Para a produção do documentário é elaborado um planejamento de filmagem. Segundo Puccini (2012), esse planejamento depende das situações que precisam ser filmadas pelo documentário. Com isso em mente, dividimos esse estágio em três etapas: entrevistas físicas, *voice over* e imagens da instituição.

O uso do *voice over* deve-se tanto por razões estéticas quanto por questões práticas, pois ela “[...] tem um poder de síntese maior do que cartelas de texto estampadas na tela” (Puccini, 2012, p. 53), e também, por ocupar a faixa sonora, deixa a faixa do filme livre para ser usada.

A captação das imagens da instituição foi feita de uma forma mais livre. Para aumentar as possibilidades na montagem, foram testados diversos enquadramentos usando planos de longa duração.

5.4 PÓS-PRODUÇÃO

Realizadas as filmagens, inicia-se o estágio de pós-produção. A primeira etapa a ser realizada é a decupagem de todo o material; que consiste na separação e classificação das gravações. É durante essa etapa que surge o roteiro de edição (montagem), ele é resultado da “leitura atenta das imagens e dos sons contidos no material bruto” (PUCCINI, 2012, p. 101). Concluída essa etapa, é iniciada a etapa da montagem.

Para Puccini (2012, p. 93), é na montagem que acontece a criação do filme e ela “marca o momento em que o documentarista adquire total controle do universo de representação do filme”. É nela que o produto incorpora um sentido e toma forma.

Na montagem, os depoimentos em *voice over* serão colocados em sobreposição das imagens que forem captadas da UTFPR. Para Eisenstein (2002), a montagem possui uma importante propriedade, que é a criação de um conceito a partir do agrupamento de dois fragmentos ou elementos distintos, “dois pedaços de filme de qualquer tipo, colocados juntos, inevitavelmente criam um novo conceito, uma nova qualidade, que surge da justaposição” (EISENSTEIN, 2002, p. 14).

Nessa etapa há o desafio e a tarefa de encontrar os planos (os fragmentos de filme) mais adequados para que o sentido desejado seja alcançado.

A partir desse processo é possível externalizar a visão que o realizador de uma produção audiovisual tem do tema abordado. É através das escolhas na montagem, nos planos escolhidos e a sua ordem, que o espectador tem contato com essa visão do realizador. Segundo Eisenstein:

Diante da visão interna, diante da percepção do autor, paira uma determinada imagem, que personifica emocionalmente o tema do autor. A tarefa com a qual ele se defronta é transformar esta imagem em algumas representações parciais básicas que, em sua combinação e justaposição, evocarão na consciência e nos sentimentos do espectador, leitor ou ouvinte a mesma imagem geral inicial que originalmente pairou diante do artista criador. (2002, p. 28)

Para completar essa tarefa é necessário que sejam realizados testes e experimentações durante a montagem. A partir disso é possível chegar a uma versão do produto final que consiga se aproximar da nossa perspectiva.

Um fator muito presente no processo da montagem, segundo Murch (2004), é a emoção. Para o autor, o corte da montagem deve ser guiado, em grande parte, pela emoção da cena. Ele lista 6 critérios para a escolha do corte ideal, são eles:

1) reflete a emoção do momento; 2) faz o enredo avançar; 3) acontece no momento 'certo', dá ritmo; 4) respeita o que podemos chamar de "alvo de imagem" (eye trace) - a preocupação com o foco de interesse do espectador e sua movimentação dentro do quadro; 5) respeita a "planaridade" - a gramática das três dimensões transpostas para duas fotografias (a questão da linha do eixo, stageline, etc); e 6) respeita pela continuidade tridimensional do próprio espaço (onde as pessoas estão na sala e em relação umas com as outras) (MURCH, 2004, p. 29)

A emoção é um fator que pode auxiliar na tarefa de externalizar a visão do realizador. Para Murch (2014), a emoção deve ser sempre priorizada e o montador deve "sacrificar" os outros critérios em detrimento da emoção da cena, pois, se a emoção for a adequada, assim como a progressão do enredo e o ritmo, "[...] o público tende a não perceber (ou ignorar) problemas de edição de menor importância [...]" (MURCH, 2014, p. 30).

Durante o processo da montagem faremos o uso de *temp tracks* para ditar o ritmo da produção e ser utilizada como referência na composição da trilha. As *temp tracks* consistiram em trechos das músicas citadas anteriormente no tópico A Trilha Sonora. Após completada a etapa da montagem, a versão do documentário com essa trilha provisória será repassada para um compositor, que poderá ser um

membro da nossa equipe ou alguém de fora do projeto. Essa trilha será composta tendo as *temp tracks* como referência.

6 DESCRIÇÃO DO PRODUTO E PRODUÇÃO

6.1 INTRODUÇÃO

As reflexões apresentadas, tanto em relação aos referenciais teóricos quanto estéticos, foram e ainda são importantes para o desenvolvimento do produto final. Elas nos auxiliaram na nossa preparação e planejamento, assim como no aperfeiçoamento da abordagem.

Este é um projeto que faz parte da preparação e pesquisa para a produção de audiovisual documental, é uma diretriz que pretendemos seguir, entretanto, podem haver mudanças no decorrer de todas as etapas da produção. O processo de produção é algo mutável, para David Lynch:

[...] novas ideias podem surgir. Então, porque todas as outras ideias já vierem, isso não significa que o processo para. [...] A regra é que as coisas não estão finalizadas até que realmente estejam. É tudo um processo orgânico, em que você intui o seu caminho. Pode-se mudar daquelas ideias originais, mas deve ser verdadeiro, fiel àquelas. Esse é o jeito que você vai e, num certo momento, aquilo está terminado, porque você sente que está correto. E, de novo, sente-se que está correto porque foi baseado naquelas ideias e, então, está pronto. (2002, p. 194)

Durante o processo de produção do documentário, novas ideias e perspectivas podem surgir. Os objetivos apresentados e a abordagem como um todo não se perde, apenas novos elementos são acrescentados. Neste projeto não foi diferente, novas ideias e abordagens foram surgindo durante o desenvolvimento do produto final. Constantemente estávamos tendo novas ideias para o projeto, ideias que foram sendo adaptadas a nossa proposta original. Durante o nosso percurso de produção nos deparamos com barreiras e impedimentos, tivemos que estar em um constante processo de readaptação e readequação para seguirmos em frente no processo de produção.

Houve uma dificuldade em conseguir relatos de vítimas e testemunhas de discurso de ódio na UTFPR Campus Curitiba, entramos em contato com possíveis entrevistados, mas houve uma certa resistência em gravar e relatar oficialmente os acontecimentos. Entramos em contato com movimentos estudantis da universidade, como UTFPR Livre, o DCE e o Coletivo Anália, tivemos sucesso com o contato

apenas com os dois primeiros. Conversamos com os representantes da organização, que se dispuseram a falar sobre a presença de discurso de ódio e nos indicar possíveis vítimas. Apesar desse retorno positivo, os movimentos não compareciam nas datas das entrevistas, remarcando diversas vezes. Por ser um assunto delicado, optamos por não insistir na tentativa de gravar tais depoimentos, seguimos então um caminho diferente, adaptamos a proposta visual das entrevistas que conseguimos.

Um questionário para denúncia de casos de discurso de ódio foi divulgado em grupos de estudantes da universidade nas redes sociais, mas não houveram respostas pertinentes à produção.

Um dos primeiros passos na produção do documentário foi procurar professores e pesquisadores para aprendermos mais sobre o tema e ir mapeando possíveis entrevistados e abordagens. Ao conversar com possíveis entrevistados e professores, percebemos que paira uma dúvida em relação ao que caracteriza o discurso de ódio e como ele se manifesta, as pessoas identificam seus traços em certas falas e ações, mas não conseguem defini-lo. Com esse cenário decidimos focar na explicação e exploração do tema, assim como a percepção dos pesquisadores sobre discurso de ódio.

Para essa exploração procuramos conversar com pesquisadores da UTFPR que possuíam linhas de pesquisa que se aproximavam do tema ou que eram pertinentes para o esclarecimento do mesmo ou que tem uma dedicação às causas sociais e envolvimento com grupos e pautas que se aproximam do que buscávamos tratar na produção. A procura dos entrevistados foi feita de forma de indicação, os pesquisadores e professores nos indicavam outros entrevistados pertinentes, entrávamos em contato com os mesmos para apresentarmos o projeto.

Devido a essa mudança de rumo, foi necessário o adiamento em um semestre da entrega e produção do documentário. Percebemos que era necessário mais tempo para gravarmos as entrevistas e editar o documentário com a melhor qualidade possível. Foi necessário seguir uma abordagem diferente em relação a tipologia das entrevistas, tivemos que abrir mão dos relatos e entrevistas das vítimas e focar em entrevistas com professores e pesquisadores a cerca do tema discurso de ódio. A proposta visual e de linguagem documental se manteve a mesma, houve apenas uma readequação de depoimentos.

Durante as entrevistas, os professores entrevistados acrescentaram novos pontos de vista sobre o tema, além de aprofundar novos aspectos na discussão acerca do discurso de ódio. Nessas entrevistas foram apresentados pelos professores novos conceitos, como por exemplo:

O professor Francis Kanashiro Maneghetti trouxe a definição de ódio como uma patologia, diferente do sentimento de raiva. A raiva está ligada a um acontecimento, ou seja, algo que ocorre a partir de um fato inicial, mas que com o tempo, passa. Já o ódio, por ser uma patologia, está permanentemente presente no dia das pessoas, de modo que a pessoa que sente o ódio está sempre com uma série de pensamentos negativos em relação ao objeto que odeia.

A existência da cultura do ódio na sociedade, bem como a intolerância em relação aos grupos de minorias representativas, que pode ocorrer também na universidade. Para o professor Wellington Teixeira Lisboa, a universidade é um espaço de interações, onde as pessoas levam pra dentro do ambiente acadêmico suas convicções e experiências diárias.

A exploração do conceito do discurso, bem como a relação do discurso de ódio com a liberdade de expressão foram temas abordados nas falas da professora Elza Aparecida Oliveira Filha. A professora Maurini de Souza Alves Pereira trouxe a percepção de que o discurso é mais do que fala, é na verdade, todo um contexto que também inclui a fala. Desse modo, ficou claro que, a partir do momento em que um indivíduo pensa em seu discurso como sendo o único verdadeiro e o do outro errado, ele já começa a entrar nesse campo perigoso que é o discurso de ódio.

A violência presente em todos os lugares e que, por isso, segundo a professora Andréa Maila Voss Kominek, é importante desenvolver trabalhos de conscientização, para minimizar esses acontecimentos. Muitas vezes, esse discurso de ódio ocorre por ignorância e, sendo assim, pode ser combatido com conhecimento e educação. Ela ainda dividiu as pessoas em três blocos. O primeiro, são aqueles que não reforçam e não usam o discurso de ódio. O segundo, são os que usam esse tipo de discurso, mas por ignorância, ou seja, esses podem ser combatidos com informação, com sensibilização. O terceiro são os que usam esses discursos por maldade mesmo e, esses, infelizmente não há possibilidade de combater com educação.

Durante as gravações e conversas percebemos a importância cada vez mais latente da discussão do tema, os debates sobre discurso de ódio têm ganhado

espaço cada vez maior na nossa sociedade. Os entrevistados frisaram que o momento social/econômico/político que a sociedade brasileira enfrenta tem propiciado um terreno fértil para o surgimento e disseminação de discurso de ódio.

6.2 PRÉ-PRODUÇÃO

A produção do documentário seguiu o modelo proposto por Puccini (2012). O autor separa a produção em três grandes fases, a pré-produção, a produção e a pós-produção, cada uma com etapas específicas.

6.2.1 Formulação das perguntas

Para a formulação das perguntas seguimos a etapa de pré-entrevistas, que é proposta por Puccini (2012), conversamos com os possíveis entrevistados antes das gravações para apresentarmos a proposta de documentário e aprender mais sobre o tema. A partir dessas conversas informais, formulamos as perguntas que seriam repetidas em todas as entrevistas, que são:

- O que é discurso de ódio?
- Já presenciou isso na UTFPR?
- Acha que é algo que existe na universidade?
- O que pode ser feito para combater o discurso de ódio?
- A UTFPR tem consciência dessa presença e faz algo para inibir esse discurso?

Essas perguntas nos permitiram organizar melhor a sequência de respostas na etapa de edição, que será detalhada mais à frente.

As pré-entrevistas nos auxiliaram a conhecer melhor o entrevistado e estabelecer um relacionamento mais próximo. Em todos os casos nós fazíamos uma abordagem informal com os possíveis entrevistados e marcávamos de conversar para apresentarmos a proposta. Nessas conversas realizamos também uma pré-entrevista. Com essas conversas, o entrevistado acabava se sentindo cada vez mais à vontade em se expressar para a equipe de gravação. Era notável a

diferença de postura dos entrevistados no primeiro contato e na gravação, eles apresentavam um raciocínio mais claro e direto e também aparentavam um maior conforto com a nossa presença. As perguntas eram também expostas com antecedência para eles, para que pudessem criar um pensamento lógico e dissertativo mais elaborado e complexo.

Era prevista a realização de uma pesquisa de campo no campus para nos familiarizarmos com o espaço a ser gravado, por isso realizamos essa etapa durante a nossa rotina de estudantes, discutimos planos de gravação e imagens a serem feitas diariamente. Mais adiante iremos detalhar as influências em nossas escolhas.

6.2.2 Os Entrevistados

A busca por entrevistados começou com a liberação de um formulário *online* onde era possível realizar denúncias, de forma anônima ou não, de casos de discurso de ódio na UTFPR Campus Curitiba. O formulário foi divulgado em grupos de estudantes nas redes sociais.

Infelizmente recebemos poucas respostas e, uma delas, era um discurso de ódio direcionado a equipe do documentário. Recebemos a mensagem: “Vocês são umas bichas, geração de crianças criadas em *safe space* que não toleram críticas ou qualquer coisa parecida e já saem chamando de discurso de ódio”. Tal mensagem foi utilizada por nós no início do documentário, a partir dela, na tela surge o nome da produção, Geração de Ódio.

Entramos em contato com movimentos estudantis para uma conversa sobre o projeto, a ideia era saber a percepção deles da presença de discurso de ódio na universidade e nos ajudar a estabelecer um contato com as vítimas. As primeiras conversas foram produtivas e nos ajudaram a mapear possíveis entrevistados, entretanto houveram diversos adiamentos na data de gravação por parte dos movimentos, o que nos levou a não insistir nessas entrevistas.

No primeiro semestre de 2018 foram entrevistados dois professores, sendo eles Francis Kanashiro Meneghetti e Wellington Teixeira Lisboa. A ideia inicial era ter o depoimento de alguns professores de uma forma mais pontual na produção,

esclarecendo o discurso de ódio entre os relatos das vítimas. Com a mudança de abordagem na tipologia das entrevistas, tivemos que procurar mais professores para compor o quadro de entrevistados. No segundo semestre foram entrevistadas as professoras Maurini de Souza Alves Pereira, Elza Aparecida Oliveira Filha e Andréa Maila Voss Kominek. Os entrevistados foram escolhidos com base em suas linhas de pesquisa e indicação de outros professores.

O Professor Doutor Francis Kanashiro Meneghetti é Doutor em Educação, Mestre e graduado em administração pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua no Departamento de Gestão e Economia, do Programa de Pós-Graduação em Administração e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Tecnologia da UTFPR. Sua linha de pesquisa engloba estudos organizacionais e a violência das organizações totalitárias.

O Professor Doutor Wellington Teixeira Lisboa é Doutor em Sociologia pela Universidade de Campinas (Unicamp), Mestre em Comunicação pela Universidade de Coimbra e graduado em Comunicação Social, habilitação Relações Públicas, pela Universidade Católica de Santos. Sua principal linha de atuação acadêmica tem foco em migrações internacionais e comunicação em organizações multiculturais.

A Professora Doutora Maurini de Souza Alves Pereira tem doutorado em Sociolinguística, mestrado em Letras e graduação em Comunicação Social Jornalismo, Letras Alemão e Letras Português, todas pela UFPR. Tem uma atuação focada na questão agrária brasileira e no teatro político social.

A Professora Doutora Elza Aparecida Oliveira Filha é Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Mestre em Sociologia pela UFPR e graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela UFPR. Tem uma trajetória jornalística de destaque, atuou durante duas décadas no jornal O Globo, também é presença constante em eventos e discussões com cunho sociais na universidade, como a organização de eventos voltados a minorias e na reflexão da comunicação no país.

A Professora Doutora Andréa Maila Voss Kominek é Doutora em Sociologia pela *Universidad de Salamanca* da Espanha, Mestre em Tecnologia pela UFPR e graduada em Filosofia pela UFPR. Sua pesquisa tem enfoque nas áreas de Filosofia, Sociologia, Tecnologia, Gênero, Relações Raciais e Políticas Afirmativas.

A abordagem aos entrevistados foi semelhante a com os movimentos estudantis. Entramos em contato através de *email* ou redes sociais apresentando rapidamente o projeto e perguntando sobre a disponibilidade de uma conversa sobre o tema. Na conversa inicial era exposta toda a temática do documentário e como seria a abordagem do mesmo. A entrevista era gravada apenas em um encontro posterior.

6.3 PRODUÇÃO

6.3.1 As Gravações

As gravações das imagens do documentário ocorreram em vários dias diferente. Inicialmente as entrevistas com os professores eram gravadas em vídeo, mas após ser decidido utilizar as entrevistas deles em *off* nós optamos por gravá-las apenas com um gravador de áudio, sem as imagens.

As referências visuais se mostraram de extrema importância no momento das gravações, os enquadramentos e a busca por “sensações” foram influenciados e guiados pelas referências.

Focamos na busca por espaços vazios na universidade, para isso gravamos em horários em que havia um baixo fluxo de pessoas, assim como foi aconselhado pela diretora Kay Armatage durante as nossas trocas de *e-mails*. Os espaços vazios são presentes no curta documentário *Ellis*, que também conta com uma narração em *voice over*. As gravações foram realizadas com essas referências em mente.

As produções de David Lynch foram a maior fonte de inspiração nas gravações. Em alguns momentos buscamos emular o *voyeurismo* de Jeffrey em *Veludo Azul*, onde posicionamos a câmera atrás de grades e objetos, mas com o foco em algum local distante. Procuramos colocar o telespectador em uma posição semelhante ao de Jeffrey, onde ele descobre que por trás da calma do cotidiano banal da universidade há uma violência escondida.

Figura 18 - O voyeurismo na produção



Fonte: Autoria própria

Os ambientes vazios da universidade também remetem aos ambientes banais e pacatos capturados por Lynch em diversas obras, como o subúrbio calmo em *Veludo Azul* que esconde uma rede de intriga e crimes. A série *Twin Peaks* é talvez o maior exemplo de como Lynch usa o banal para causar uma perturbação e incômodo no espectador e subverte o cotidiano.

O silêncio de várias cenas da série é utilizado no documentário, retiramos o som ambiente dos locais gravados, a universidade passa a ser um lugar silencioso e aparentemente calmo. As entrevistas dos professores quebram com o silêncio e ajudam a mostrar a existência de violência na UTFPR, no caso o discurso de ódio. Há alguns momentos em quem apenas se escuta a trilha, com poucos sons vindos do ambiente.

Figura 19 - O silêncio nos corredores



Fonte: Autoria própria

Os atos de discurso de ódio e os entrevistados não são mostrados, cabe ao espectador imaginar o que está sendo dito e por quem está sendo dito. Lynch utiliza parte desse recurso em diversos momentos da nova temporada de *Twin Peaks*, no qual os personagens fazem o relato oral de uma história; não há imagens para ilustrá-lo, apenas a narração do personagem.

Durante as gravações das imagens do campus, buscamos sempre imagens de corredores e salas vazias ou com poucas pessoas, onde não era possível identificar quem eram as pessoas. A busca era sempre voltada a ambientes que cotidianamente estão sempre com um fluxo de pessoas, aproveitávamos os poucos segundos em que eles ficavam vazios para gravar. Usamos também locais onde costumam ter uma concentração de pessoas, como bancos e mesas.

Figura 20 - O vazio na UTFPR



Fonte: A autoria própria

6.3.2 A Edição

Após as gravações das imagens da universidade e das entrevistas, iniciamos o processo de pós-produção, que consiste na etapa de edição de todo o material coletado. Organizamos todo o material, vimos e revimos diversas vezes para ter um conhecimento pleno de tudo que gravamos.

Realizamos a decupagem de todo o material da entrevista e de todas as cenas gravadas. A partir desse processo e das perguntas pré-estabelecidas, foi possível organizar as falas dos entrevistados de uma forma lógica e que completasse o que foi dito anteriormente. Também com a decupagem conseguimos separar as falas pertinentes ao documentário.

O processo de edição se mostrou muito subjetivo, tínhamos uma visão de como gostaríamos de ter como produto final e através da edição que buscamos nos aproximar dessa visão. Deixamos o sentimento e sensação da cena nos guiar nos cortes das imagens da UTFPR e na seleção dos fragmentos a serem utilizados, seguindo assim aquilo que aprendemos a partir das reflexões de Eisenstein (2002) e de Murch (2004). As imagens que sentíamos ter um impacto maior eram mantidas por mais tempo, outras tinham o tempo reduzido se considerávamos que o impacto era menor, tais escolhas são subjetivas.

Buscamos criar um senso de ritmo e uma lógica na sequência de imagens, influenciado pela montagem do curta A Chuva, onde as cenas mostram todo um ciclo da chuva em uma cidade. Na produção, organizamos as cenas para dar a noção de que o espectador está caminhando pela instituição. Montamos então, através das imagens, um percurso dentro da UTFPR. O espectador é guiado através das imagens mostradas.

Figura 21 - Montagem da produção



Fonte: Autoria própria

Para a seleção das falas das entrevistas e a ordem da montagem seguimos os critérios do corte ideal de Murch (2004), onde valorizamos os critérios da emoção do momento, o avanço do enredo e o ritmo. As falas foram dispostas em uma ordem onde se complementam, criam uma unidade e um pensamento lógico. Formular um padrão de perguntas auxiliou no momento da edição e na criação de uma lógica na intercalação das respostas, os entrevistados acabaram seguindo o mesmo roteiro de perguntas e pensamento. Houve, de certa forma, um acúmulo de conhecimento, em que cada entrevistado perguntava a nossa percepção do tema e como foram as outras respostas. A cada entrevista nós tínhamos mais conhecimento e mais respostas, os entrevistados então partiam do que era apresentado e complementavam o pensamento. Assim como nós, os entrevistados também aprendiam mais sobre o tema.

A combinação entre as entrevistas e as imagens da UTFPR foi feita de uma forma em que era evitada a redundância, como por exemplo, mostrar a imagem de algo que era falado pelo entrevistado. As imagens e áudio tem um papel de complemento na produção, funcionam em conjunto para reforçar a nossa proposta

de revelar o discurso de ódio presente na universidade. Enquanto no áudio há uma elaboração do tema e da relação com a UTFPR e sociedade, as imagens representam o percorrer no campus, contextualizando o local que é abordado nas entrevistas. As escolhas em enquadramento e filtros de imagem tinham como foco reforçar esse caráter obscuro e oculto do discurso de ódio na instituição.

A intercalação de diferentes entrevistas em *voice over* é algo presente no curta documentário *SpeakBody*, que foi uma das principais referências nesse momento da edição.

Durante a edição foi feita a edição das cores, brilho e contraste das imagens captadas, elas foram escurecidas e acentuamos o azul. Essa manipulação digital foi feita para aproximar a estética com as vistas em alguns trabalhos de David Lynch.

A montagem e manipulação das imagens e sons foram realizadas no *software Adobe Premiere Pro*, escolhemos esse programa pois era o que tínhamos uma afinidade maior e experiência.

6.3.3 A Trilha Sonora

A trilha sonora foi colocada após a edição das imagens e entrevistas. Ela foi criada por nós a partir da edição de algumas músicas do Corbin, selecionamos pequenos trechos de várias músicas e criamos novas trilhas a partir da combinação delas e da modificação através de filtros de som. Foram criadas ao todo quatro trilhas distintas, mas nem todas foram utilizadas no projeto.

Optamos por usar por quase toda a duração do documentário uma trilha lenta e baixa, mas com sons repetidos que se assemelham à batidas e sons de máquinas. Na parte do final foi adicionada uma trilha mais envolvente e rápida.

A trilha principal remete a edição de som de David Lynch em *Eraserhead*, que conta com barulhos e sons que causam desconforto no espectador. Junto com a trilha, acrescentamos um som ambiente que não pertence as imagens, mas foi deixada com um volume baixo para que não chamasse muita atenção.

6.3.4 Equipamentos e Equipes Utilizados

A produção não demandou uma grande equipe para ser realizada, a familiaridade com os equipamentos utilizados e o planejamento permitiu realizar as gravações de uma forma rápida e com equipe reduzida.

Os equipamentos utilizados foram fornecidos pelo Dalic. Nas gravações das imagens da universidade foi usada uma câmera *Cannon DSLR T5i* com as lentes 18-135 mm e a 18-55 mm e um tripé Greika. As entrevistas foram gravadas com um gravador *H6 Zoom Digital* e um microfone de lapela.

A edição do projeto foi realizada nos programas *Premiere Pro* e *After Effects* da *Adobe*. A trilha sonora foi editada no *Premiere Pro*, que não é um *software* próprio para a edição de som e música, mas conseguiu cumprir com as nossas demandas de criação.

6.4 VIABILIDADE

A produção, por ter as gravações restritas aos ambientes da UTFPR, não teve um custo considerável, as gravações eram feitas em momentos que já estávamos no campus para as aulas. Os equipamentos foram emprestados pelo DALIC, o cartão de memória foi o único equipamento necessário para as gravações que não foi fornecido, mas foram utilizados os cartões de memórias que a equipe tinha. Os computadores utilizados para a edição eram dos membros da equipe, assim como a licença dos *softwares*.

As gravações das entrevistas eram rápidas, todo o processo durava em média 15 minutos, os equipamentos eram de fácil manuseio então não havia uma demanda muito grande de tempo para preparar o cenário para a gravação. As imagens gerais da UTFPR demandaram mais tempo, foram realizadas em pelo menos 4 dias diferentes, em média eram gastas 2 horas de gravação.

A edição do documentário foi realizada durante 2 meses, entre idas e vindas das versões. Eram feitas diferentes versões da produção, foi um trabalho constante que demandou muito tempo. As versões eram vistas e revistas pela equipe, que

faziam considerações sobre a versão, que voltava para edição para que fossem feitas modificações.

A demanda de equipamento foi reduzida durante a produção após a mudança de foco nas entrevistas, por não precisarmos mais gravar em imagens as entrevistas dos professores, utilizamos apenas gravadores de áudio. Se houvesse a necessidade de aluguel de equipamentos isso acarretaria em um aumento de custos.

O documentário será enviado para a participação de festivais de curtas e documentários. Entre possíveis festivais para exibição é o festival de cinema de Curitiba, o Olhar de Cinema, que é realizado anualmente e abre espaço para a submissão de produções. É possível e viável a realização de exibições públicas do documentário em eventos especiais ou próprios, como em universidades e eventos artísticos. O documentário Geração de Ódio também poderá ser exibido em eventos onde seja discutido discurso de ódio e questões relacionadas.

Após a exibição em festivais, ou a tentativa do mesmo, ele será divulgado nos meios mais apropriados e acessíveis, visando a maior visibilidade da produção. O documentário será disponibilizado publicamente no *Youtube* e *Vimeo*, em canais que serão criados especificamente para tal função. A escolha das plataformas deve-se a facilidade de manuseio e compartilhamento das mesmas. A produção será divulgada através das redes sociais, com artes de divulgação para atrair a atenção do público.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de pesquisa e produção do documentário foi de enorme aprendizado para a equipe, nos deparamos com diversos empecilhos que foram superados através de um esforço em conjunto. Percebemos que por mais que houvesse um planejamento bem definido, a produção pode seguir caminhos diferentes, que devemos estar sempre atentos à mudança e novas ideias.

O documentário superou as nossas expectativas, em relação ao aprendizado e abordagem. Durante a produção recebemos diversos *feedbacks* positivos de colegas e professores, o que nos empolgou e incentivou a fazer sempre o melhor possível em cada etapa da produção.

A produção trouxe diversos comentários e reflexões sobre o discurso de ódio, o que auxilia na elucidação do tema. As entrevistas foram adaptadas a abordagem proposta, não tem a mesma força que o relato de vítimas, mas criam um efeito diferente, que é a compreensão do que é o discurso de ódio e a construção de um clima onde a presença dele é sentida.

A equipe reduzida fez com que o ritmo de trabalho e produção não fosse tão alto e constante como desejávamos, tivemos que trabalhar dentro das nossas limitações. Outra limitação foram os equipamentos que, apesar de serem de excelente qualidade, não nos permitiam realizar movimentos de câmera (o tripé era de fotografia, os movimentos com ele). Havia equipamentos próprios para realizar movimentação de câmera disponível para empréstimo no Dalic, mas eram mais complicados de manusear, ainda mais para uma equipe reduzida.

Esperamos que o documentário jogue um pouco de luz sob um tema tão pertinente nos tempos atuais, mas que pouco se sabe sobre a sua configuração. Pretendemos exibir a produção em eventos acadêmicos de diversas instituições, não somente a UTFPR, visto que, apesar de ser ambientada na instituição, o tema é abrangente e impacta a vida de muitos em diversos ambientes da sociedade.

O documentário não pretende levar uma resposta definitiva sobre o que é discurso de ódio ou ser imune a contestações, pretende ser algo que esclareça melhor o tema, seja alvo de debate e coloque o tema em pauta na vida das

pessoas. Assim como essa produção suscitou a reflexão em nossas vidas, esperamos que faça o mesmo para aqueles que irão assistir e debater.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Da noção retórica de ethos à análise do discurso. Imagens de si no discurso: a construção do ethos.** São Paulo: Contexto, 2005.

ANTHONY BALDUCCI'S JOURNAL. "**Eraserhead**" isn't so weird. 2014. Disponível em: <<http://anthonybalducci.blogspot.com.br/2016/04/eraserhead-isnt-so-weird.html>> Acesso em: 29 nov. 2017.

ARMATAGE, Kay. **I'm interested in the documentary Speakbody** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <joao.v.depine@gmail.com> em 31 de out. de 2017.

BARBER, Nicholas. **Blue Velvet is terrifying, seductive and ahead of his time.** BBC. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/culture/story/20160920-blue-velvet-is-terrifying-seductive-and-ahead-of-its-time>> Acesso em: 29 nov. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

BRUGGER, Winfried. Proibição ou proteção do discurso do ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o americano. **Revista de Direito Público,** Brasília, DF, n. 15, p. 117-136, jan./mar. 2007.

CANADIAN FILMMAKERS DISTRIBUTION CENTRE. **Speakbody | Canadian Filmmakers Distribution Centre.** 2017. Disponível em: <<http://www.cfmdc.org/film/1222>> Acesso em: 29 nov. 2017.

CAPANEMA, Letícia Xavier de Lemos. Complexidade nas obras televisuais e cinematográficas de David Lynch. **Revista GEMInIS,** São Carlos, SP, n. 2, p. 56-77, jul./dez. 2016.

CARTA CAPITAL. **Bolsonaro em 25 frases polêmicas.** 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas>> Acesso: 31 out. 2018.

CERQUEIRA, Daniel; et al. **Atlas da Violência 2017.** Rio de Janeiro: IPEA, 2017.

COMUNICA QUE MUDA. **Intolerância nas redes | Comunica que Muda.** 2017. Disponível em: <<http://www.comunicaquemuda.com.br/dossie/intolerancia-nas-redes/>> Acesso: 02 dez. 2017.

Corbin. **Mourn.** Los Angeles: EUA. WEDIDIT e Kobalt Music. 2017.

EISENSTEIN, Sergei. **O sentido do filme.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

Ellis. Direção: JR. Produção: JR e Jane Rosenthal. EUA: Emerson Collective, Unframed USA e Unframed. 2015.

Eraserhead. Direção: David Lynch. Produção: David Lynch e Doreen G. Small. EUA: American Film Institute (AFI) e Libra Films. 1977.

FERRARAZ, Rogério. **O cinema limítrofe de David Lynch**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 218. 2003.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

GRUPO GAYS DA BAHIA. **Relatório 2016: Assassinatos de LGBT no Brasil**. 2016. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>> Acesso em: 02 dez. 2017.

Ódio na internet (Les réseaux de la haine). Direção: Rokhaya Diallo e Mélanie Gallard. Produção: Mélissa Theuriau. França: 416 Productions, L'idée, LCP Assemblée nationale e France Télévisions. 2015.

O Homem com uma Câmera (Tchelovek s kinoapparatom). Direção: Dziga Vertov. URSS: 1929.

HESSEL, Marcelo. **Twin Peaks | Crítica**. Omelete. 2017. Disponível em <<https://omelete.uol.com.br/series-tv/twin-peaks/criticas/?key=134555>> Acesso em: 29 out. 2017.

LYNCH, David. Entrevista concedida a Rogério Ferraraz. IN: **O cinema limítrofe de David Lynch** (2003) pp. 188 - 205. Los Angeles, 5 set. 2002.

LYNCH, David. **Lynch on Lynch**. Nova Iorque, EUA: Farrar, Straus and Giroux, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. IN: **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, p. 11-29, 2008.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes, Redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTINS, Rodrigo. **Encorajados por discurso de ódio, preconceituosos saem do armário**. Carta Capital. 2018. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/revista/1026/encorajados-por-discurso-de-odio-preconceituosos-saem-do-armario>> Acesso em: 31 out. 2018.

MURCH, Walter. **Num Piscar de Olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

NAÇÕES UNIDAS. **Combate a discursos de ódio e violência é objetivo da nova campanha da ONU**. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/combate-a-discursos-de-odio-e-violencia-e-objetivo-da-nova-campanha-da-onu/>> Acesso em: 02 dez. 2017.

NAÇÕES UNIDAS. **Em dia internacional, ONU pede que países combatam discursos de ódio**. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/em-dia-internacional-onu-pede-que-paises-combatam-discursos-de-odio/>> Acesso em: 02 dez. 2017.

NAÇÕES UNIDAS. **ONU lembra importância de defender direitos humanos frente a discursos de ódio.** 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-lembra-importancia-de-defender-direitos-humanos-frente-a-discursos-de-odio/>> Acesso em: 02 dez. 2017.

NGUYEN, Hanh. **'Twin Peaks' MVP Wally Brando: 5 Reasons Michael Cera's Brilliant Cameo Is Just What the Show Needed.** Indie Wire. 2017. Disponível em: <<http://www.indiewire.com/2017/05/twin-peaks-wally-brando-michael-sera-marlon-brando-wild-one-1201834109/>> Acesso em: 29 nov. 2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** 6. ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2016.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós produção.** 3. ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2012.

ROSCOE, Jane; HIGHT, Craig. **Faking it mock-documentary and the subversion of factuality.** Manchester, Inglaterra: Manchester University Press, 2001.

SCROFERNEKER, Cleusa Maria Andrade. **Por uma topofilia da comunicação organizacional:** reflexões sobre espaço e lugar da comunicação. Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación, São Paulo, SP, v. 13, n. 24, p. 256-265, jan./jun. 2016.

SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de minoria.** 2005. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT16042010145008.pdf>> Acesso em: 27 set. 2017.

Speak Body. Direção: Kay Armatage. Canadá: 1979.

STATISTA. **Global social media ranking | Statista.** 2017. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>> Acesso em: 02 dez. 2017.

THAT WAS A BIT MENTAL. **Twin Peaks season 1 (1990) review.** 2015. Disponível em: <<https://thatwasabitmental.com/2015/03/02/twin-peaks-season-1-1990-review/>> Acesso em: 29 nov. 2017.

Twin Peaks. Criadores: David Lynch e Mark Frost. Produção: David Lynch, Mark Frost, Gregg Fienberg e Harley Peyton. EUA: Lynch/Frost Productions, Propaganda Films, Spelling Entertainment e Twin Peaks Productions. 1990 - 1991.

Twin Peaks (2017). Criadores: David Lynch e Mark Frost. Produção: David Lynch, Mark Frost e Sabrina S. Sutherland. EUA: Showtime Networks, Rancho Rosa Partnership, Twin Peaks Productions e Lynch/Frost Productions. 2017.

Veludo Azul (Blue Velvet). Direção: David Lynch. Produção: Fred Caruso. EUA: De Laurentiis Entertainment Group (DEG). 1986.

Vimeo. **A Chuva - Joris Ivens (Holanda - 1929).** Vídeo (11min47s). Disponível em <<https://vimeo.com/11358153>> Acesso em: 28 out. 2017.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil.** Brasília: Flacso Brasil, 2015.

Youtube. **Charlottesville: Race and Terror – VICE News Tonight (HBO)**. Vídeo (22min04s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P54sP0NIngg>>. Acesso em: 21 out. 2017.

Youtube. **L'arrivée d'un train à La Ciotat (1895) - frères Lumière**. Vídeo (0min55s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b9MoAQJFn_8>. Acesso em: 21 out. 2017.

Youtube. **La sortie de l'usine Lumière à Lyon (1895) - Frères Lumière**. Vídeo (0min38s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EXhtq01E6JI>>. Acesso em: 21 out. 2017.

ANEXO A – *E-mail* enviado por Kay Armatage

O *e-mail* foi enviado pela diretora de documentários e professora dos setores de estudos de Cinema (*Cinema Studies Institute*) e estudo de mulheres e gênero (*Women and Gender Studies Institute*) da Universidade de Toronto (*University of Toronto*), no Canadá, em resposta à nossa solicitação por informações acerca do seu curta documentário *Speak Body*, de 1979. A mensagem foi enviada em 31 de outubro de 2017, às 12:37, Horário de Brasília, pelo *e-mail* kay.armatage@utoronto.ca para joao.v.depine@gmail.com. Segue a mensagem na íntegra.

Título: RE: I'm interested in the documentary Speakbody

De: Kay Armatage

Para: João Depine

Dear Joao

Speak Body (the title is 2 separate words, so it could be read as a command rather than a name) is available on DVD from the Canadian Filmmakers Distribution Coop [<http://www.cfmdc.org/>] but I don't think it's available in a digital format. You could ask them, or get your university department to ask them.

The film is technically quite simple. Visually, it's a series of images that represent an experience: a telephone, pages of a diary, flowers, operating room overhead light, etc. Part of the project for me was to learn how to cut sound (16mm). I could only afford 2 weeks in the cutting room, so I laid the images in 1 day & spent the rest of the time on sound.

Normally in documentary voice-overs are fairly simple & direct: individuals telling stories from beginning to end, accompanied by image montages. In *Speak Body* the sound track is the montage element: the different voices tell personal stories, but they are intercut together in a fairly complex way. I think there are around 8 different voices that are quite distinct in pitch, accent, vocabulary, etc. I wanted to suggest a more collective, rather than individual, voice and to produce a kind of compound narrative from the separate experiences. I recorded the voices very cleanly in a very

quiet environment (couldn't afford a studio), so that they could cut together smoothly without bumps in ambient sound, interruptions, etc. And then a separate track of music, SFX, etc.

The film was made around the time when critiques of realism & cinema verite were dominant in theory, especially feminist theory (Laura Mulvey, Claire Johnston, etc), so part of the project was to use an avant-garde approach to a political subject. Another theoretical element I had in mind was the work around sound itself as the first sense to develop in the body, inside the womb. For some theorists (whose names I now forget, but you can find them), sound therefore connects more deeply to the unconscious. So in *Speak Body*, because the recording of the voices is so clean & the voices come in & out, there's a kind of hallucinatory quality that I hoped might suggest something deeper than conventional discourse.

With new recording & computer editing technology, you could really have fun with the soundtrack, making it almost musical with repetition, looping, vocoder, hip hop/DJ techniques. I could imagine a somewhat stylized visual track, if you're planning to use only images of the university – maybe all shot at dawn when no people around, or some other technique that would make the images hallucinatory or ominous or whatever direction you want to go.

I'm glad to think that my little film from so long ago might still be having some kind of life. Thanks for getting in touch with me.

And best of luck with your project.

Kay Armatage

ANEXO B – *Link* para o documentário produzido

O documentário pode ser acessado, no *YouTube*, a partir do seguinte *link*:
<https://youtu.be/CGiYBScollo>.